

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E  
TECNOLOGIAS**

---

**BLOG PARA O BASQUETEBOL: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DOS SISTEMAS TÁTICOS**

**MAURO KLEBIS SCHIAVON**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – RIO CLARO**

**BLOG PARA O BASQUETEBOL: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DOS SISTEMAS TÁTICOS**

**MAURO KLEBIS SCHIAVON**

**Orientador: Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO**

Tese apresentada ao Instituto de Biotecnologia do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, área de concentração - Tecnologias nas Dinâmicas Corporais.

**RIO CLARO - SP  
2014**

796.323 Schiavon, Mauro Klebis  
S329b Blog para o basquetebol : uma ferramenta no processo  
ensino-aprendizagem-treinamento dos sistemas táticos /  
Mauro Klebis Schiavon. - Rio Claro, 2014  
99 f. : il., figs., quadros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Basquetebol. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. 4.  
Treinamento. 5. Tecnologias. I. Título.

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

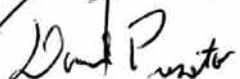
**TÍTULO:** BLOG PARA BASQUETEBOL: UMA FERRAMENTA NO PROCESSO ENSINO-  
APRENDIZAGEM-TREINAMENTO DOS SISTEMAS TÁTICOS

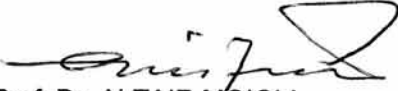
**AUTOR:** MAURO KLEBIS SCHIAVON

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de DOUTOR EM  
DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS , Área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS  
CORPORAIS, pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO  
Departamento de Educação Física / Instituto de Bociências de Rio Claro

  
Prof. Dr. DANIEL PRESOTO  
Dep de Psicologia do Esporte e Aprendizagem / Escola Superior de Educação Física de Jundiaí -  
ESEFJ

  
Prof. Dr. ALTAIR MOIOLI  
Psicologia da Educação Física Escolar / Unip-SJRP

  
Prof. Dr. MARCELO CALLEGARI ZANETTI  
Psicologia da Motricidade Humana / Faculdade de Educação Física / UNIP - SJRP

  
Profa. Dra. SILVIA DEUTSCH  
Departamento de Educação Física / Instituto de Bociências de Rio Claro

Data da realização: 02 de dezembro de 2014.

## EPÍGRAFE

*“Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje. Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo. Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus. Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saíram como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar. O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma. Tudo depende só de mim”. **Charles Chaplin.***

## DEDICATÓRIA

A minha esposa Ana Lúcia, por sua paciência, carinho, companheirismo, bom humor, compreensão e uma infinidade de outras qualidades que só você possui.  
Te amo!

Aos meus filhos, Vinícius e Giovanni, minhas joias raras.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, onipotente, onipresente, onisciente, por me guiar em meus caminhos, colocar pedras quando é necessário e me ajudar a removê-las ou superá-las quando tenho dificuldades.

Não posso deixar de registrar a gratidão e o carinho por meus pais Mauro e Idalina, meus primeiros mestres, inspiradores de meus valores, o agradecimento por investirem e sempre acreditarem em meu potencial.

A minha sogra Marizilda, por toda ajuda na educação de meus filhos, principalmente enquanto estive ausente, dedicando-me a esta dissertação.

Agradeço ao meu grande amigo e orientador, Prof. Dr. Afonso Antonio Machado. Desde 1985 quando ingressei na UNESP, você foi ímpar no seu tratamento humano e acolhedor, sempre apontando os caminhos a serem seguidos. Sinto orgulho de tê-lo como amigo. “Simples Assim”.

A Universidade Estadual Paulista, que desde minha graduação, me acolhe e me fornece subsídios para crescer academicamente. A todos os professores do programa de pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Aos meus amigos e colegas do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte), meus agradecimentos pelas preciosas reuniões, debates e discussões. Marcelo, Altair, Flávio, Gustavo, Kauan, Renato, Lucas, Guilherme, Felipe, Eric, Matheus, Raphael, Vivian, Luís Fernando, Renata, Luciana, André, Henrique, Marcela e Claudio. Gente valeu por tudo.

Aos colegas professores universitários: Heitor De Andrade Rodrigues, Lucas Portilho Nicoletti, Everton Tamião, Paulo Moraes e Dagmar Hunter.

Aos Técnicos Desportivos: Marcio Henrique Pimenta, Guilherme Luís Zaros, Marcelo Renato Tamião, Leonardo Figueiró Alves, Denilson Gomes de Araújo, Marco Aurélio Pegolo dos Santos, Antonio José Giorgi, Jorge Guerra e João Bosco De La Coleta.

Aos colegas da Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro e Claretiano Faculdades, que me ajudaram a caminhar profissionalmente e conseqüentemente amadurecer um pouco minha visão de mundo.

Por fim, agradeço a minha banca: primeiro, pela paciência e por todas as indicações feitas, realmente o trabalho evoluiu muito com o olhar clínico de vocês. Segundo por serem pessoas especiais e humanas. Muito obrigado pela forma que conduzem seus trabalhos, conseguem apontar erros, sendo ao mesmo tempo críticos e amigos. Tenho prazer de ouvir suas correções e sugestões.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACM** – Associação Cristã de Moços
- CESP** – Companhia Energética de São Paulo
- E-A-T** – Ensino-Aprendizagem-Treinamento
- FPB** - Federação Paulista de Basketball
- GG** – Grupo Ginástico Rio-clarense
- JEC** – Jogos de Esportes Coletivos
- LBF** – Liga de Basquete Feminino
- LNB** - Liga Nacional de Basquete
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- TDIC** - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
- UNESP** – Universidade Estadual Paulista
- USP** – Universidade de São Paulo

## LISTA DE QUADROS

Página

Quadro 01 – Caracterização dos técnicos participantes do estudo.....	53
--	----



SCHIAVON, M. K. **Blog para o Basquetebol**: uma ferramenta no processo ensino-aprendizagem-treinamento dos sistemas táticos. Tese (doutorado). Rio Claro: UNESP, 2014.

## RESUMO

Todos os dias o avanço tecnológico apresenta novos recursos e ferramentas mais poderosas e completas, a fim de que as tarefas cotidianas sejam cada vez mais ágeis e rápidas. Essas tecnologias permeiam todas as ações e atividades cotidianas e alteram a cultura social, a maneira de se relacionar, de aprender e ensinar. Ao longo dos últimos anos, o papel dos técnicos desportivos frente ao processo ensino-aprendizagem-treinamento vem sofrendo grandes alterações, sendo que, no último século, a tecnologia tem alcançado uma velocidade jamais vista e o treinamento, cada vez mais, vem se apropriando de novas ferramentas para se adequar as necessidades atuais. As novas tecnologias trouxeram para o atleta uma multiplicidade de oportunidades de aprender, muito mais motivadoras e flexíveis. O *blog* pode ser utilizado pelos técnicos desportivos para atualizar o contexto e otimizar os treinamentos com seus atletas. O objetivo desse estudo foi construir um *blog* para ser utilizado pelos técnicos, junto a seus atletas, como ferramenta no processo ensino-aprendizagem-treinamento dos sistemas táticos. Realizamos entrevistas semiestruturadas junto a oito técnicos desportivos, especialistas em basquetebol, para saber da importância do blog no treinamento e qual o conteúdo que consideravam ideal para ser empregado nesse processo. Concluímos que, para esse grupo, o blog é relevante para ser utilizado no treinamento e que, a tática individual, grupal e coletiva, assim como, os sistemas de defesa, movimentação no ataque e transição são conteúdos pertinentes para esse fim.

**Palavras-chave:** basquetebol, ensino, aprendizagem, treinamento, tecnologias.

## **ABSTRACT**

**Basketball Blog:** a tool in the teaching-learning process-training of tactical systems.

Every day the technological advancement introduces new features and tools more powerful and complete, so that everyday tasks are increasingly agile and quick. These technologies permeate all actions and daily activities and change the social culture, the way to relate to, to learn and teach. Over the past few years, the role of sports technicians outside the teaching-learning process-training has suffered major changes, and, in the last century, technology has achieved a speed never seen and training increasingly comes appropriating new tools to suit the current needs. New technologies brought to the athlete a multitude of opportunities to learn, much more motivating and flexible. The blog can be used by sports technicians to update the context and optimize the training with their athletes. The aim of this study was to build a blog to be used by the technicians, along with their athletes, as a tool in the teaching-learning process-training of tactical systems. We conducted semi-structured interviews with eight sports technicians, specialists in basketball, to know the importance of blog in training and which content they considered ideal to be employed in the process. We conclude that, for this group, the blog is relevant to be used in training and that the individual, group and collective tactic, as well as defense systems, movement on the attack and transition are relevant content for this purpose.

**Keywords:** basketball, teaching, learning, training, technologies.

## SUMÁRIO

	Página
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	03
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>CAPÍTULO I – TECNOLOGIAS</b> .....	10
1.1 - Histórico das Tecnologias .....	10
1.2 - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação .....	11
<b>CAPÍTULO II – BASQUETEBOL</b> .....	16
2.1 - O Histórico do Basquetebol .....	16
2.2- O Basquetebol como jogo de cooperação/oposição .....	20
2.3- O Basquetebol e a Pedagogia dos Esportes .....	24
2.4- Capacidades físicas e habilidades motoras no Basquetebol .....	31
2.5- O Basquetebol com a evolução da tecnologia .....	32
<b>CAPÍTULO III – MÉTODOS DE ENSINO</b> .....	34
3.1 – Métodos Tradicionais .....	34
3.2 – Metodologias Atuais .....	38
3.2.1 – Ações no esporte .....	40
3.2.2 – Conhecimento técnico/tático.....	47
<b>CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	49
4.1 – Entrevistas semiestruturadas com Técnicos Desportivos .....	50
4.2 – Participantes da Pesquisa .....	52

4.3 – Forma de coleta de dados .....	54
<b>CAPÍTULO V – RESULTADOS .....</b>	<b>55</b>
5.1 – Análise dos resultados .....	55
5.2 – Resultados e discussões .....	56
5.2.1 – Quanto a utilização do <i>Blog</i> .....	56
5.2.2 – Opinião dos técnicos acerca dos conteúdo dos Sistemas Táticos .....	59
<b>CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>62</b>
6.1 – Sugestões para futuras pesquisas .....	62
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO A – MANUAL DE ORIENTAÇÃO PARA O BLOG .....</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO B – ENTREVISTA .....</b>	<b>99</b>

## APRESENTAÇÃO

A construção dessa tese foi um grande desafio superado em conjunto com inúmeras pessoas. O primeiro e um dos maiores relacionou-se com o ato de estudar o basquetebol. Minha paixão pelo basquetebol iniciou-se em 1982 quando então aos 14 anos de idade troquei minhas práticas de futebol e handebol para essa maravilhosa modalidade. Passei a aprender os gestos específicos e a dinâmica do jogo, na escola e na equipe da prefeitura municipal. Logo me apaixonei pela competição e, nessa época, a cidade de Rio Claro “respirava basquete” com sua equipe de alto-nível.

Fazendo parte da equipe da cidade e da escola fui conhecendo várias pessoas e cidades e isso muito me agradava. Nessa mesma época frequentava também o GG – Grupo Ginástico Rio-clarenses, onde aos sábados no período da tarde e durante as férias escolares realizavam-se os tradicionais “rachas”.

Não posso aqui me esquecer que tive ótimos professores/técnicos que muito me ensinaram e incentivaram. Comecei meus treinos na Prefeitura Municipal de Rio Claro com os então técnicos José Ricardo e Guilherme e concomitante na escola Anglo Novo Triunfo com o professor Cacau e o auxiliar técnico Reinaldo Hebling. Foi assim durante meu ensino médio e a opção por cursar Educação Física se deu muito em função do gosto por essa prática esportiva.

Já cursando o ensino superior passei a treinar com o professor Luís Augusto Zanon e o espetacular Wlamir Marques. Disputei vários jogos Inter Unesp e nas férias de julho disputava os Jogos Regionais defendendo as cidades da região. No ano de 1989, meu último ano como aluno da graduação, recebi o convite do professor Wlamir para assumir como Técnico da equipe feminina da Unesp onde foram dados meus primeiros passos como Treinador. Nesse ano participei como atleta na primeira divisão da Federação Paulista de Basketball, representando a cidade de Amparo onde também auxiliava o Técnico Roberto Trentini.

A paixão pelo basquete permaneceu e, em 1990 fui cursar Especialização em Basquetebol na USP, coordenada pelo professor José Medalha e continuei a colaborar com as equipes da Unesp, só que agora com o masculino. Também comecei a trabalhar com um outro público, funcionários da CESP para disputa dos Jogos Operários do Sesi.

Não demorou e em 1992 surgiu o convite para ser Técnico da Equipe de Rio Claro na categoria Infanto-Juvenil para disputa dos jogos da F. P. B. – Federação Paulista de Basketball. Logo de início um Vice Campeonato do Interior e Terceiro lugar do Estado na F.P.B. Em 1993 Vice-Campeão do Interior no Infantil e Vice Estadual. Já em 1994, Campeão Paulista Infanto-Juvenil do Interior e Vice Estadual. Também, em 1992, iniciei trabalho no SESI de Rio Claro como Técnico Especializado em Basquetebol.

O Ano de 1995 começou com minha convocação para ser o Técnico da Seleção Paulista, categoria Cadete (garotos com até 17 anos) para disputa do Campeonato Brasileiro onde nos sagramos Campeões. Nos anos seguintes passei pelas categorias Juvenil e Adulta, acumulando mais alguns títulos onde permaneci até 2003 ano em que também iniciei meus trabalhos na escola, no ensino fundamental e médio.

Em 2006, inicio uma nova e desafiante etapa, professor no Ensino Universitário. Passei sete anos na Anhanguera Educacional - Leme, dois na UNESP Rio Claro e Claretiano Faculdades onde permaneço até os dias atuais.

Faço aqui um parêntese (Durante minha experiência como Atleta recebia as informações de meus Técnicos de forma verbal, auditiva, visual e algumas vezes cenestésicas, mas sem o uso das atuais tecnologias).

A constante busca pelo aprimoramento me levou a um curso de Mestrado e agora ao Doutorado, ambos em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Então, o que estudar?

O grande desafio dessa Tese foi abordar o conteúdo do basquetebol e a relação do *blog* com o treinamento. Mas, de que forma o *blog* pode auxiliar a técnicos no processo ensino-aprendizagem-treinamento de jovens na faixa etária entre 14 e 18 anos?

Esse *blog* em específico é, primeiramente, uma ferramenta para o auxílio no processo de ensino-aprendizagem-treinamento uma vez que entendemos que tal processo deva possuir um caráter pedagógico, assim contribuindo para formação do jogador taticamente inteligente.

Caráter pedagógico fora da escola?

Sim. Entendemos que um técnico desportivo deva ser antes de tudo, um professor, um educador, uma pessoa que saiba que está lidando com seres

humanos e não com “cavalos de corrida”. Sim, porque cremos que, mesmo no esporte competitivo exista lugar para o aprendiz.

Os técnicos que estão no comando de suas equipes certamente possuem saberes e conhecimentos. Sendo assim, é necessário também considerar os técnicos na elaboração de materiais que possam realmente contribuir para com a prática pedagógica deles próprios.

Essa perspectiva apresenta uma outra forma de compreensão das relações, não só de autoria de blogs como também com relação aos usos desses materiais.

Emerge desse contexto a possibilidade de construção coletiva por meio de uma perspectiva participativa entre os técnicos que estão intervindo no treinamento e pesquisador.

Com mais esse desafio, pretendeu-se averiguar essa perspectiva participativa na construção coletiva de um *blog* sobre o conteúdo abordado durante os treinamentos do basquetebol em um nível de ensino que apresenta inúmeras dificuldades e, por conseguinte, inúmeras possibilidades – o Ensino dos Sistemas Táticos – visando concretizar formas de ampliação e valorização da prática no processo ensino-aprendizagem-treinamento do Basquetebol nas equipes de competição.

Essa tese, portanto, é o desejo de inúmeras pessoas que “compraram” a ideia de auxiliar na construção do *blog* para o basquetebol.

## INTRODUÇÃO

É percebido o quanto a sociedade atual passa por grandes transformações: a complexificação das estruturas e das relações sociais, a difusão de novas tecnologias que invadem o cotidiano de todas as pessoas, especialmente nos centros urbanos. Informática, comunicação de massa, transportes e telecomunicações, tudo isso impõe novos desafios a serem enfrentados pelos cidadãos.

Tomar parte da sociedade hoje demanda dos indivíduos um número muito mais elevado e complexo de capacidades: transitar pelo sistema de transportes, operar terminais bancários, utilizar meios de comunicação como fax, celulares e Internet, lidar com um número cada vez maior de pessoas, de diferentes origens sociais e culturais, conhecer as cada vez mais complexas estruturas administrativas da vida social por onde transitam seus direitos e deveres e saber como utilizá-las são algumas das exigências diárias da vida moderna.

Todos os dias, o avanço tecnológico apresenta novos recursos e ferramentas mais poderosas e completas, afim de que as tarefas cotidianas sejam cada vez mais ágeis e rápidas. Essas tecnologias permeiam todas as ações e atividades do dia-a-dia e alteram a cultura social, a maneira de se relacionar, de aprender e ensinar.

É o caso do *blog*. O *blog* tem sido utilizado pelos professores muitas vezes para atualizar o contexto, com temas atuais para a discussão entre alunos. Da mesma forma, pensamos que os técnicos desportivos podem utiliza-lo para otimizar os treinamentos com seus atletas.

De Oliveira e Paes (2004) consideram que o ensino do basquetebol, especificamente, deve ser um processo baseado em novas pedagogias e metodologias cujos conteúdos ofereçam diferentes alternativas para o processo de formação, então, o *blog* é uma opção de ferramenta a ser utilizada. Sendo o basquetebol um jogo coletivo vejamos como alguns autores o classificam.

Segundo Morales (2007) os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) caracterizam-se pela contínua interação dos elementos constitutivos do rendimento esportivo em um contexto puramente tático - situacional.



Já Moreno (1994) considera os JEC no interior do grupo dos chamados esportes de cooperação – oposição. As ações de jogo resultam das interações dos participantes, produzidas de forma que uma equipe coopere entre si para opor-se a outra que age também em cooperação e que se opõe ao anterior. Os JEC podem ainda ser analisados em relação ao uso do espaço, que é compartilhado, ou seja, existe invasão do campo do adversário (ex.:handebol, basquetebol) ou não (voleibol).

Um elemento distinto e importante na classificação dos JEC refere-se à forma de participação dos jogadores: alternada (por exemplo: squash, tênis, badminton) ou simultânea (por exemplo: basquetebol, futebol, futsal). Indicadores científicos de Moreno e Ribas (2004) apontam que o vetor predominante das tarefas motoras nos JEC refere-se aos aspectos informacionais, perceptivos e de tomada de decisão.

Para Thomas *et al.* (1986), a habilidade de selecionar respostas adequadas nos JEC, requisita do atleta um conhecimento tático sobre o jogo e as ações.

Nesse sentido, Garganta (1998) frisa duas competências básicas para a aprendizagem e prática do Esporte Coletivo: a inteligência, vista como a capacidade de adaptar-se a situações dinâmicas que acontecem no jogo afim de resolver os constantes problemas que surgem, e a cooperação, vista como a necessidade do praticante de Esporte Coletivo combinar suas ações com os objetivos do grupo.

De acordo com Greco (1998, 1999), os modelos de ensino – aprendizagem – treinamento (E-A-T) orientados em concepções do desenvolvimento da capacidade tática possibilitam que os praticantes realizem uma apropriação inteligente do uso dos elementos técnicos necessários à solução das diferentes situações de jogo. Portanto, o desenvolvimento das capacidades cognitivas de percepção, antecipação e tomada de decisão necessárias para direcionar a ação de jogo ao objetivo específico são fatores condicionantes do processo de E-A-T. Para Tavares (2002) as bases científicas e teóricas para considerar a imprescindível necessidade de uma formação tática nos JEC estão desta forma claramente determinadas.

Marcadores acadêmicos de Housner e French (1994) apontam que o conhecimento tático no esporte está baseado no conhecimento declarativo e processual, evidenciando que os atletas empregam diferentes processos cognitivos nas situações de jogo. Conforme descrevem Thomas *et al.* (1986), o conhecimento declarativo no esporte refere-se ao conhecimento do regulamento, das posições dos

jogadores e estratégias básicas de defesa e ataque (saber o que fazer). Entretanto, esta definição é bastante restrita, pois o conhecimento declarativo também se relaciona com aspectos como escolha de alternativas táticas que superam a questão do conhecimento das regras. Já o conhecimento processual seria utilizado para criação de ações, saber como e quando agir, selecionando as ações mais adequadas de acordo com as diferentes situações da competição (FRENCH; THOMAS, 1987; MC PHERSON; THOMAS, 1989; TURNER; MARTINEK, 1995).

Para Rodrigues (2001), o basquetebol apresenta uma grande variabilidade de situações, exigindo do atleta a capacidade de processar um elevado e variado número de informações em um curto espaço de tempo, de forma a possibilitar a realização de ações técnico - táticas com base na sua capacidade de tomada de decisão.

Sendo assim, no processo de E-A-T a estruturação das atividades e a distribuição de conteúdos tornam-se muito importantes no quadro de planificações e condução do processo. Corroborando com essa ideia, Saad (2002) afirma que as atividades planificadas que sejam inerentes ao processo de E-A-T constituem-se em um dos mais importantes meios para melhoria do rendimento dos jogadores nos diferentes níveis de expressão da sua performance.

### **Objetivos**

- Verificar junto a técnicos especializados em basquetebol a relevância do *blog* para o treinamento de jovens atletas e qual o conteúdo que consideram ideal para ser empregado no processo de E-A-T dos sistemas táticos.
- Construir um *blog* para ser utilizado como ferramenta no processo de E-A-T dos sistemas táticos no basquetebol.

### **Justificativa**

Ao longo dos últimos anos, o papel dos técnicos desportivos frente ao processo ensino-aprendizagem-treinamento - EAT vem sofrendo grandes alterações, especialmente neste momento em que a tecnologia invade todos os setores, o treinamento também se utiliza destas ferramentas para dar suporte ao trabalho dos técnicos e atletas. As novas tecnologias trouxeram para o atleta uma

multiplicidade de oportunidades de aprender, muito mais motivadoras e flexíveis (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2009).

O técnico desportivo teria então, duas funções primordiais no processo E-A-T: a função incentivadora e energizante, por meio da qual se deve aproveitar a curiosidade natural do atleta para mobilizar seus esquemas cognitivos e despertar seu interesse, e a função orientadora, em que se pode orientar o esforço do atleta para aprender, ajudando-o a construir seu próprio conhecimento.

O uso da tecnologia como ferramenta nessa nova proposta pedagógica, tem que ser pensada criticamente, pois transforma a relação pedagógica ainda em prática, atualmente, ampliando a interação. A transição do modelo tradicional para o novo modelo interativo técnico-atleta-máquina-tecnologia-conteúdo, não é fácil, apresenta muitas resistências, pois impõe a quebra de paradigmas e de toda uma formação esportiva e vivência profissional. Além disso, requer um preparo do técnico para interagir com o recurso computacional.

Assim sendo, justifica-se a utilização do *blog* como ferramenta para auxiliar no processo ensino-aprendizagem-treinamento do basquetebol.

## **CAPÍTULO I - TECNOLOGIAS**

De acordo com o dicionário Aurélio, tecnologia é o conjunto de conhecimentos, direcionados por princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade. "Tecnologia do grego *τεχνη* — "ofício" e *λογια* — "estudo"(DE HOLANDA FERREIRA,2014).

É um termo que envolve o conhecimento técnico e científico e as ferramentas, processos e materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento. É utilizado para definir os conhecimentos que permitem fabricar objetos e modificar o meio ambiente, com vista a satisfazer as necessidades humanas (SILVA; MOREIRA, 2008).

### **1.1 - Histórico das Tecnologias**

As tecnologias mais antigas converteram recursos naturais em ferramentas simples. Os processos mais antigos, tais como arte rupestre e a raspagem das pedras, e as ferramentas mais antigas, tais como a pedra lascada e a roda, são meios simples para a conversão de materiais brutos e "crus" em produtos úteis. A descoberta e o conseqüente uso do fogo foi um ponto chave na evolução tecnológica do homem, permitindo um melhor aproveitamento dos alimentos e o aproveitamento dos recursos naturais que necessitam do calor para serem úteis (WIKIPEDIA,2014).

As melhorias continuaram com a fornalha, que permitiu a habilidade de derreter e forjar o metal (tal como o cobre, 8000 a.C.), e eventualmente a descoberta das ligas, tais como o bronze (4000 a.C.). Os primeiros usos do ferro e do aço datam de 1400 a.C.

As ferramentas mais sofisticadas incluem desde máquinas simples como a alavanca (300 a.C.), o parafuso (400 a.C.) e a polia, até a maquinaria complexa como o computador, os dispositivos de telecomunicações, o motor elétrico, o motor a jato, entre muitos outros.

Nos tempos atuais, os denominados sistemas digitais ou TIDC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, tem ganhado cada vez mais espaço entre as inovações tecnológicas sendo aplicadas aos esportes. Grande parte dos instrumentos tecnológicos de hoje envolvem sistemas digitais, principalmente no caso dos computadores (CONCEITO,2014).

Convém destacar que a palavra tecnologia é usada como sinónimo de tecnologias da informação, que são aquelas que permitem o tratamento e a difusão de informação por meios artificiais e que incluem tudo o que esteja relacionado com os computadores.

Apesar de ser difícil estabelecer um mesmo esquema para as diferentes aplicações da tecnologia, pode-se dizer que a fabricação de um novo aparelho/dispositivo começa com a identificação de um problema prático a resolver. Em seguida, são fixados os requisitos que deve cumprir a solução (materiais, custos, etc.) e o seu princípio de funcionamento. Por fim, procede-se à concepção do dito aparelho, à construção de um protótipo e ao próprio fabrico. A tecnologia abarca portanto todo este processo, desde a ideia inicial à sua aplicação propriamente dita (CONCEITO,2014).

Por si só, a tecnologia nem é boa nem é má. Dos vários impactos positivos, mencionaremos o facto de aumentar a produtividade do trabalho humano e do nível de vida da população, bem como a diminuição dos esforços que implica. Já, no que diz respeito aos aspectos negativos, a tecnologia pode dar origem à desocupação (a partir do momento em que a mão-de-obra, fruto do trabalho do homem, é substituída por máquinas), a diferenças sociais (os trabalhadores são categorizados em função das suas competências tecnológicas) e à contaminação ambiental (COSTA; PIMENTA, 2010).

## **1.2 - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação**

Junto ao desenvolvimento tecnológico estão as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, comumente chamadas de TDIC, que procuram tornar mais acessível às pessoas a informações e serviços.

O aumento significativo das TDIC nas mais diversas esferas da atividade humana vem demandando a sua incorporação também nas formas de construção e de apropriação do conhecimento. O uso das TDIC na educação é vital numa perspectiva em que sejam valorizados os sujeitos, suas experiências e capacidades de atribuir significado ao aprendido (COSTA; PIMENTA, 2010).

Deste modo, está incidindo hoje, início do século XXI, o mesmo que ocorreu quando surgiu a televisão, ou seja, inicialmente esta foi criticada e vista com desdém pela influência negativa que exercia sobre as pessoas. Todavia, hoje em dia, a televisão é considerada como um dos principais e mais rápido meio de comunicação disponível para sociedade globalizada.

Com os avanços tecnológicos o homem está sujeito aos impactos positivos e negativos provocados pela tecnologia. Em seus estudos, Buckingham (2002) indica que, em um sentido, temos as novas tecnologias como um autêntico depósito de sonhos e esperanças, um “agente mágico” que será o responsável pela libertação de todas as virtudes e saberes que, até agora, permaneceram ocultas, em outro sentido, essas mesmas tecnologias servem de bode expiatório, como objetos perversos onde poderemos sempre “descarregar as nossas frustrações relativas à violência, à imoralidade, ao sexismo ou ao desaparecimento dos valores familiares” (BUCKINGHAM, 2002, p.58).

Sendo essas alterações boas ou más, devemos considera-las como parte integrante dos tempos atuais.

Esta transforma as nossas relações sociais, altera o nosso funcionamento mental, nossas concepções básicas do conhecimento e da cultura e algo fundamental neste contexto, ele transforma o que é aprender e o que significa ser uma criança”. (BUCKINGHAM, 2002, p.58).

O ato de ensinar costuma provocar interesse por parte dos técnicos desportivos, isto porque implica mais uma adaptação das estruturas cerebrais dos seus educandos, os jovens de hoje, 2014: o tempo de atenção.

Presentemente, em 2014, os jovens demonstram possuir tempos de atenção muito reduzidos, quando defrontados com o método de ensino tradicional. E com os meios tecnológicos que manuseiam no seu dia-a-dia será que isto também acontece?

Em sua pesquisa “*Digital Natives, Digital Immigrants*”, Prensky (2001), aponta que, quando colocados frente a um computador, o tempo de atenção dos Nativos Digitais são maiores do que quando lhes é proposto um método de ensino tradicional. Isto acontece porque os jovens de hoje anseiam pela interatividade, que será a verdadeira impulsionadora das suas ações. Ora, como se pode verificar, o sistema de ensino tradicional proporciona muito pouca interatividade quando comparado com o mundo dos Nativos Digitais.

Uma área afetada com estes novos modelos de pensamento foi a reflexão. De acordo com estudiosos da área, entre eles Damásio (2011), a reflexão pode ser definida pela capacidade que nos permite considerar algo de forma profunda, à medida que construímos os nossos modelos mentais, derivados das nossas experiências. É, em certa medida, o processo de aprender com a experiência (PRENSKY, 2001).

Um grande desafio surge para os Imigrantes Digitais que se dedicam ao ensino de Nativos Digitais. Este desafio é o de inventar e descobrir maneiras eficazes que incluam o pensamento crítico e a reflexão acerca dos conteúdos, na linguagem dos Nativos Digitais.

Hoje em dia, os jovens estão acostumados à conectividade, aos gráficos, à fantasia, às rápidas recompensas dos jogos de videogames, a desenvolver tarefas paralelas, a terem acesso aleatório à informação. As habilidades desenvolvidas pelas novas tecnologias, que possuem uma importância vital nos processos de aprendizagem dos Nativos Digitais, são muitas vezes, menosprezadas pelos educadores Imigrantes Digitais de hoje. As diferenças cognitivas dos Nativos Digitais pedem, desesperadamente, por novas metodologias educacionais, e um dos suportes que parece ser o mais eficaz em todo este processo, e que vai ao encontro das suas necessidades e requerimentos, são as tecnologias que eles gostam tanto (PRENSKY, 2001).

Atualmente o conhecimento é produzido por coletivos de “seres-humanos-com-mídias”, pois tanto os seres humanos quanto as mídias são fundamentais para a produção deste. Consideram a internet um ambiente “natural” pois já impregnou a vida humana, modificou o humano moldando seus pensamentos e modos de produzir o conhecimento (BORBA; MALHEIROS; ZULATTO, 2011, p. 90-91 e 130).

As TDIC, especialmente em sua linguagem digital, podem otimizar o aprendizado, alterando a natureza deste processo e a comunicação entre os sujeitos. O movimento, o som e a imagem oferecem informações mais legítimas possibilitando que o conhecimento aconteça por diferentes vias, provocando um maior aprofundamento do conteúdo a ser estudado (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2009).

Nos dias de hoje, uma das mais acessadas é a internet, que permite o acesso as informações de maneira rápida, fácil e gratuita expandindo oportunidades de aprendizado, porém cabe ao aluno transformá-las em conhecimento (BORBA; MALHEIROS; ZULATTO, 2011).

Para Braga (2008), a internet tem sua unidade básica na página (*page*), que agrupadas e linkadas criam o *website*. A *World Wide Web* é um sistema de informação e recurso multimídia baseado em hipertextos sendo utilizada para comunicação interpessoal de modo crescente. A comunicação na internet acontece em dois sentidos e permite a troca de mensagens de um-para-um (*e-mails*); um-para-muitos (*webpages*); muitos-para-um (uma pessoa buscando informação); e muitos-para-muitos (lista de discussão, *blogs*, educação à distância - EAD), todos relacionados a uma base de dados comum.

Nos *blogs*, as informações por meio de textos, fotos, animações gráficas, sons, vídeos são apresentados por meio de uma linguagem multimidiática, a respeito de um assunto específico, datados e atualizados regularmente (BRAGA, 2008; CASTRO FILHO, 2008).

Por sua funcionalidade interativa, simplicidade na operação e produção de ferramentas eficientes, o que pode atrair mais participantes, os *blogs* se tornaram um fenômeno. Além disso, justamente por esta menor complexidade e formalidade, a autora afirma que as pessoas sentem-se mais encorajadas, ficando mais a vontade para demonstrar suas opiniões subjetivamente, ficando mais à vontade (BRAGA, 2008).

Contam-se aproximadamente 200 milhões de *blogs* espalhados pelo mundo que constituem a chamada blogosfera. Cerca de 120 mil são criados diariamente ao redor do mundo (WIKIPEDIA, 2014).



A utilização dos *blogs*, inicialmente de caráter individual e pessoal, foi se transformando para apresentar uma grande variação de finalidades, dos originais diários, comunicação empresarial, informações acadêmicas até de cunho científico (BANDEIRA, 2009).

O autor supracitado apresenta as seguintes vantagens na utilização de blogs: pode-se criar um *blog* gratuitamente e com pouco conhecimento da plataforma; o *blog* é um espaço de interação e construção do conhecimento, principalmente através da publicação de posts e dos comentários; estimula a busca pela informação e pela leitura dessa informação, que pode ser transformada em conhecimento pelo aluno, se bem orientado pelo professor; torna-se uma extensão da sala de aula, onde o professor posta *links* interessantes que podem complementar a matéria e estimular o aluno a comentar sobre tópicos destacados nos textos dos links postados; o aprendizado deixa de ser associado pelo aluno, a escola, professor, horário rígido, regras e se torna divertido, o que pode estimular o aluno a construir seu conhecimento.

## CAPÍTULO II – BASQUETEBOL

É um dos desportos mais populares do mundo. O nome vem do inglês *basketball*, que significa literalmente "bola na cesta" (WIKIPÉDIA,2014).

### 2.1 - O Histórico do Basquetebol

Segundo Daiuto (1991), nos Estados Unidos da América, no ano de 1891 na cidade de *Springfield*, estado de *Massachussets*, o longo e rigoroso inverno impedia a prática de esportes ao ar livre. As poucas opções de atividades físicas em locais fechados se restringiam a entediadas aulas de ginástica, que pouco estimulavam os alunos. Foi então que o diretor do *Springfield College*, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), Luther Halsey Gullick, requereu o professor canadense James Naismith, de 30 anos, e confiou-lhe uma missão: pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas.

Depois de algumas conversas com outros professores de educação física da região, James Naismith chegou a pensar em abortar a missão. Mas seu espírito empreendedor o impedia. Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Sem dúvida, deveria ser jogado com uma bola, maior que a do futebol, que quicasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um sentido coletivo. Havia um outro problema: se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existia. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances (DAIUTO, 1991).

Ainda, segundo o mesmo autor, outra preocupação do professor era quanto ao alvo que deveria ser atingido pela bola. Imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim, como o futebol e o hóquei. A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,05m de altura, onde imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada

para o alvo. Tamaña altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início.

Encontrando o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de cerca de 8 polegadas quadradas (45,72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssigo. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0m, uma em cada lado do pátio. Mediu a altura. Exatos 3,05m, altura esta que permanece até hoje. Nascia a cesta do basquete. James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo 13 itens. Elas estavam tão claras em sua cabeça que foram colocadas no papel em menos de uma hora. O criativo professor levou as regras para a aula, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que tinha um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes. Havia 18 alunos na aula. Naismith selecionou dois capitães (Eugene Libby e Duncan Patton) e pediu-lhes que escolhesse os lados da quadra e seus companheiros de equipe. Escolheu dois dos jogadores mais altos e jogou a bola para o alto. Era o início do primeiro jogo de basquete. Curioso, no entanto, é que nem Naismith nem seus alunos tomaram cuidado de registrar esta data, de modo que não se pode afirmar com precisão em que dia o primeiro jogo de basquete foi realizado. Sabe-se apenas que foi em dezembro de 1891, pouco antes do Natal (DAIUTO, 1991).

Como o esperado, o primeiro jogo foi marcado por muitas faltas, que eram punidas colocando-se seu autor na linha lateral da quadra até que a primeira cesta fosse feita. Outra limitação dizia respeito à própria cesta: a cada vez que um arremesso era convertido, um jogador tinha de subir até a cesta para apanhar a bola (DAIUTO, 1991).

O autor cita ainda que, após a aprovação da diretoria do *Springfield College*, a primeira partida do esporte recém-criado foi realizada no ginásio *Armory Hill*, no dia 11 de março de 1892, em que os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1, na presença de cerca de 200 pessoas. A primeira bola de basquete foi feita pela *A.C. Spalding & Brothers*, de *Chicopee Falls (Massachussets)* ainda em 1891, e seu

diâmetro era ligeiramente maior que o de uma bola de futebol. As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Lew Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com bordas de metal. No ano seguinte, a *Narraganset Machine & Co.* teve a ideia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda mas poderia ser aberta simplesmente puxando esta última. Logo depois, tal corda foi abolida e a bola passou a cair livremente após a conversão dos arremessos.

Em 1895, as tabelas foram oficialmente introduzidas. Rapidamente, esse esporte passou a ser divulgado em todo o mundo, tornando-se uma das modalidades esportivas mais praticadas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2014).

Naismith não poderia imaginar a extensão do sucesso alcançado pelo esporte que inventara. Seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e ele lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas.

#### A evolução do basquetebol, para De Rose Jr

...acontece a partir de uma relação direta entre as modificações das regras e a necessidade de se atender à dinâmica do jogo nos aspectos físicos, técnicos e táticos. A relação entre esses fatores faz do basquetebol um esporte complexo, de uma dinâmica muito específica e que exige do praticante, além dos atributos citados, um desenvolvimento cognitivo apurado para entender essa dinâmica e ter a possibilidade de tomar decisões muito rápidas frente às exigências do jogo (DE ROSE JR.,2006, p.113).

A introdução do basquetebol no Brasil se deu por meio do Mackenzie College, onde no ano de 1896, o professor Auguste Shaw, apresentou essa modalidade a seus alunos. Shaw, havia sido, três anos antes, colega do próprio James Naismith, na Universidade de Kansas, onde os dois trabalharam juntos (DE ROSE JR, 2006).

As primeiras publicações a respeito do basquete no Brasil mostravam equipes femininas posando ou em lances do jogo, que serviu como mais um obstáculo que teve que ser superado, além disso, os jovens estudantes do Mackenzie preferiam jogar com os pés (NICOLINI, 2001).

De acordo com autor:

Essa significativa barreira inicial foi sendo superada com dificuldades e, aos poucos, o esporte saiu dos domínios da ACM, onde o jogo era praticado após as aulas de ginástica, e passou para os clubes mais evidentes da capital paulista, como a Associação Atlética São Paulo, o Clube Atlético Paulistano, o Palestra Itália e outros (NICOLINI, 2001, p. 188).

Para Nicolini (2001) os clubes que beiravam o rio Tietê tiveram grande influência na propagação dessa modalidade, pois o jogo, nascido na ACM – Associação Cristã de Moços, teve seu desenvolvimento posterior na Ponte Grande. A Federação da modalidade foi fundada em 1924 no Clube Esperia, às margens do rio e funcionou inicialmente na sede da Associação Atlética São Paulo e teve entre os seus primeiros filiados também o Tietê, o Esperia e o Corinthians, cuja sede era na Ponte Grande, na Chácara Floresta. O primeiro ginásio de esportes foi o da A.A. São Paulo, a poucos metros das águas do rio.

No Rio de Janeiro, o basquetebol também caía no gosto dos jovens e a primeira partida oficial ocorreu em 1912, e o primeiro campeonato brasileiro foi realizado em 1925. No ano de 1933, fundou-se a Federação Brasileira de Basketbaal, que em 1935 passou a ser filiada à Federação Internacional de Basquetebol Amador – FIBA. Em 1941, a FBB passou a ser denominada CBB-Confederação Brasileira de Basquetebol (FERREIRA; DE ROSE JR, 2003).

No masculino, o Brasil detém o título de bicampeão mundial, vencendo as competições de 1959 (Chile) e 1963 (Brasil), além dos vice-campeonatos em 1954 (Brasil) e 1970 (Iugoslávia). No feminino, o Brasil destacou-se em 1994, quando

conquistou o campeonato e em 1998 quando foi quarto colocado (FERREIRA; DE ROSE JR, 2003).

A falta de resultados expressivos de nossas seleções nos últimos anos e com certo descontentamento dos clubes em relação à CBB surgem as Ligas de Basquetebol, inspiradas nas Ligas Europeias e Americana.

A Liga Nacional de Basquete - LNB foi lançada em dezembro de 2008, reunindo as principais lideranças e os mais representativos clubes do basquete brasileiro, com o objetivo de reconduzir o esporte ao posto de segundo mais popular do Brasil, atrás apenas do futebol (LIGA NACIONAL DE BASQUETE, 2014).

A Liga de Basquetebol Feminino - LBF nasceu em maio de 2010, com o propósito de contribuir para o renascimento do basquete feminino e devolver a modalidade ao lugar que sempre mereceu no esporte brasileiro. Entre outras atribuições, outorgadas pelos clubes que dela fazem parte, a entidade se compromete a desenvolver e melhorar o nível do basquete feminino tanto no aspecto técnico quanto no organizacional, além de empreender esforços para o crescimento e a modernização dos associados.

## **2.2 - O Basquetebol como jogo de cooperação/oposição**

Segunda a definição da Federação Paulista de Basquetebol, constante na regra 1

o basquetebol é jogado por duas equipes com cinco jogadores cada onde o objetivo é jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe obtenha o controle da bola ou faça pontos (FPB, 2010, p.3).

Moreno (1994) classifica o jogo de basquetebol da seguinte maneira: um em relação à participação dos jogadores, e o outro em relação a forma com que os participantes utilizam o espaço. Dessa maneira, é possível diferenciar o grupo dos

jogos esportivos coletivos nos quais se joga com participação (simultânea/alternada) e em um espaço padronizado (separado/comum).

De acordo com estes autores, o basquetebol se insere no grupo dos jogos esportivos coletivos ou esportes de equipe de cooperação/oposição em que os atletas desenvolvem suas ações em um espaço comum. A participação para a obtenção da posse de bola é simultânea, ou seja, as duas equipes podem atuar concomitantemente pela posse sem esperar a ação final do adversário. A partir do momento em que uma das equipes tem o controle da bola, tem-se em vista atingir o objetivo final do jogo (marcar ponto). Caso não tenha a posse da bola, objetiva-se recuperar o controle da mesma, tirando-a da outra equipe e dessa forma, marcar o ponto.

Segundo Moreno (1998), os esportes de cooperação/oposição são aqueles nos quais a ação de jogo é produto das interações entre os participantes, realizadas de maneira que uma equipe coopere entre si para opor-se a outra que atua também em cooperação e que por sua vez se opõe à anterior.

Para De Rose Jr (2006):

A cooperação é típica das modalidades esportivas coletivas, pois em qualquer uma delas há uma participação coletiva dos membros da equipe, com divisão de responsabilidades na execução das ações que resultem em resultado positivo (a cesta – no ataque – e impedir a cesta - no caso da defesa (DE ROSE JR.,2006, p.116).

No basquetebol a oposição é muito clara, já que o contato entre os jogadores é inevitável, ocupando o mesmo espaço, agindo e reagindo simultaneamente.

Nessa mesma direção, De Rose Jr. e Tricoli (2005) afirmam que as principais características do jogo no basquetebol estariam baseadas principalmente na interação ataque – defesa, na qual se apoia a estrutura funcional que destaca a relação espaço – temporal, relações entre colegas, adversários e bola, e as regras, limitando e condicionando essa interação.

Do enfoque das capacidades e habilidades motoras, Ferreira e De Rose Jr. (2003) declaram que o basquetebol é composto por uma soma de habilidades específicas ou fundamentos de jogo. Essas habilidades ou fundamentos se empregam conforme as diferentes situações do jogo, sendo essas de tipo ofensivo ou defensivo.

Com base nessa classificação pode-se considerar o basquetebol como uma modalidade esportiva na qual elementos próprios dos âmbitos cognitivos, físicos – técnicos, técnicos – táticos, táticos – cognitivos, físico - táticos e táticos se relacionam de forma dinâmica e complexa (DE ROSE JR.; TRÍCOLI, 2005; MORALES, 2007).

Segundo Morales (2007) o sucesso na solução das diferentes tarefas no contexto de uma situação do jogo depende especificamente do nível de desenvolvimento das capacidades inerentes ao rendimento esportivo citadas, com ênfase nas capacidades motoras e coordenativas.

Em relação às capacidades coordenativas no basquetebol, De Rose Jr. e Tricoli (2005) destacam como importantes: a percepção espaço – temporal, a seleção imagem – campo, a coordenação multimembros, a coordenação óculo – manual, a destreza manual, a estabilidade braço – mão e a precisão. A utilização e combinação dessas capacidades podem ser evidenciadas tanto na execução de ações individuais (lance livre, bandeja, situação de 1x1), quanto em ações grupais (situações de igualdade 2x2, 3x3, ou inferioridade numérica 2x1, 3x2, 4x3), bem como em ações coletivas (sistemas de ataque e defesa).

No tocante às capacidades cognitivas presentes nos JEC, Moreno e Ribas (2004) demarcam o componente informacional, perceptivo e de tomada de decisão como vetores predominantes das tarefas motoras. Na estrutura de jogo, exige-se do atleta um adequado desenvolvimento dessas capacidades. Estas se manifestam por meio das diferentes situações do jogo com as quais o atleta deve se defrontar durante uma partida. Essas capacidades cognitivas fariam, segundo Greco (2006), parte do modelo pendular do comportamento nos esportes coletivos que tem como



eixo central o nível de conhecimento técnico – tático do atleta. Esse modelo possibilita identificar a necessidade de o atleta desenvolver denominada estrutura do conhecimento técnico – tático (SONNENSCHIEN, 1987). Esse conhecimento se constitui na base que dá sustentação a um adequado funcionamento de processos cognitivos como recepção, elaboração de informação, antecipação, tomada de decisão, entre outros.

Cada um desses processos cognitivos constantes no modelo proposto por Greco (2006) possibilita ao atleta estabelecer as relações necessárias com os componentes do rendimento esportivo, oportunizando um adequado desempenho, ou seja, o sucesso na solução das diferentes tarefas – problemas da competição (MORALES, 2007).

Greco (2006) afirma ainda que, nesse contexto, pode-se dizer que durante uma partida de basquetebol o atleta apoia-se no seu conhecimento técnico – tático (declarativo – processual), para direcionar sua percepção, sua capacidade de focalizar a atenção nos diferentes sinais relevantes constantes no jogo (esteja ele no ataque ou na defesa). Esse comportamento permite a ele antecipar suas ações e as de seus adversários e colegas com a finalidade de conseguir marcar o ponto, fazer o passe, atacar o objetivo ou recuperar a posse da bola. Nesse comportamento, processos como a memória, o pensamento e a inteligência se observam na práxis quando o atleta seleciona o gesto técnico mais adequado para solucionar as diferentes tarefas – problemas que se apresentam durante a competição.

Tani; Bento e Petersen (2006) relatam que o modelo de competência nos jogos de invasão inspira-se nas ideias do modelo de ensino de jogos para compreensão Bunker e Thorpe (1982), do modelo de educação desportiva Siedentop (1994) e revê-se em algumas orientações didáticas advogadas na abordagem ecológica de Balan e Davis (1993).

González (2006) classifica os esportes a partir da lógica interna, em duas grandes categorias: esportes em que não há interação com o adversário e esportes em que há interação com o adversário.

A primeira categoria subdivide-se em quatro subcategorias a partir do critério de comparação de desempenho: esportes de marca, técnico-combinatórios e de precisão. A segunda subdivide-se com base nos critérios de objetivos táticos da ação: esporte de combate ou luta, campo e taco, rede ou quadra dividida e de invasão (GONZÁLEZ, 2006).

### **2.3 - O Basquetebol e a Pedagogia dos Esportes**

Antes de iniciar uma análise dos diferentes métodos de E-A-T no basquetebol é necessário determinar a importância da prática pedagógica no esporte. Freire (2005) assegura que ensinar não é transmitir conhecimento, é criar as condições para sua produção, construção e adequada aplicação.

Assim, acredita-se que o ensino do basquetebol deve possibilitar ao atleta a apropriação crítica, reflexiva, inteligente e criativa de habilidades e capacidades próprias da modalidade por meio de atividades que visem à elaboração de claros conceitos técnicos e táticos susceptíveis de serem aplicados no contexto de uma situação do jogo.

Define-se pedagogia do esporte como uma relação entre esporte e educação na qual se oportunizam adequados processos com o intuito de desenvolver habilidades e capacidades físicas, técnicas, táticas, cognitivas e emocionais, bem como o melhoramento da qualidade de vida do ser humano (LIBANEO, 2002; BARBANTI, 2006; TANI ; BENTO; PEDERSEN, 2006).

A pedagogia do esporte aborda o teor moral da prática desportiva, servindo-se de ideais pedagogicamente construídos. É com esse intuito que visa elaborar orientações que enfatizem o humano, o ético, o moral e o correto do ponto de vista do desporto e do ponto de vista da pedagogia (TANI ; BENTO; PEDERSEN, 2006).

Nesse contexto, acredita-se que o basquetebol possibilita ao indivíduo transferir e aplicar o conhecimento adquirido, por meio das diferentes situações que

lhes apresentam tanto no treinamento quanto na competição, bem como em outras dimensões de sua vida para defrontar adequadamente as diferentes circunstâncias que o entorno sócio – cultural requisita dele.

Em seus estudos, Bento (2006) aponta que:

o desporto deva ser um instrumento para mudar e modificar. Para adquirir novos modos de ser, para crescer como pessoa, para passar de uma realidade mais baixa para um destino mais alto. O que evidencia bem o caráter instrumental dos saberes, habilidades e capacidades que nele se transmitem e desenvolvem (BENTO, 2006, p.37).

Os programas de ensino do esporte nos clubes esportivos e recreativos, na escola, nas academias e demais instituições encontram sua essência e função social na relevância do seu conteúdo formativo, na atualidade da sua base conceitual, assim como na pertinência e adaptabilidade de sua estrutura aos objetivos tanto do programa proposto quanto dos seus beneficiários. Acredita-se que aprender não é uma consequência direta do ensino, é também produto de atividades incidentais fora do contexto formal no qual ocorre a prática esportiva. Deste modo, estes autores acreditam que existe um elemento essencial nesse processo, o qual é determinado pela ação própria do sujeito que tem a intenção de aprender (GRAÇA; MESQUITA, 2006).

Portanto, as diferentes atividades que o jovem atleta de basquetebol deve executar durante uma sessão de treinamento devem ter um marco referencial constituído por um conjunto de princípios pedagógicos. Rink, French e Tjeerdsma (1996) colocam que esses princípios visam oportunizar um adequado processo de E-A-T e aumentar o nível de eficácia e efetividade da atividade educadora do professor – treinador. Para esses autores 12 princípios são reguladores da prática pedagógica:

- a) aprende mais quem dedica mais tempo a uma adequada prática, ou seja, a qualidade da prática é fundamental, quantidade apenas não é suficiente;
- b) a execução deve ser adaptada e ajustada aos objetivos de aprendizagem e a cada um dos alunos;

- c) aprende mais quem apresenta um adequado nível de sucesso na realização das tarefas;
- d) aprende mais quem executa as atividades com um adequado nível de processamento cognitivo;
- e) os professores eficazes criam as condições necessárias para a aprendizagem;
- f) os professores eficazes sabem da importância da adequada comunicação no processo de aprendizagem;
- g) apresentação das diferentes tarefas em forma adequada, clara e objetiva;
- h) adequada explicação dos conteúdos;
- i) adequada utilização da demonstração como ferramenta essencial para desencadear o aprendizado;
- j) utilizar palavras-chave durante a demonstração com o intuito de integrar os elementos motores e perceptivos das ações;
- k) oferecer um adequado feedback pedagógico com base no conhecimento do desempenho e do resultado;
- l) o adequado desenvolvimento do conteúdo da sessão ou do treino oportuniza uma melhor aprendizagem.

Segundo os autores, esse conjunto de 12 princípios oportuniza um processo de ensino – aprendizagem apoiado no adequado equilíbrio entre a função diretiva do professor - treinador e a autonomia do aluno – atleta.

Para Greco (2001), os JEC apresentam uma grande diversidade de situações, requerendo do atleta um adequado nível de adaptação, inteligência e criatividade que, de acordo com Guilford (1976) se compõe dos parâmetros adequação, originalidade e flexibilidade, possibilitando ordenar as ações no tempo, no espaço e de acordo com a situação. São esses elementos que fazem dos JEC atividades interessantes e desafiantes tanto para crianças como para adolescentes. Nesse contexto, no conteúdo programático nas aulas de educação física ou nos treinamentos, o técnico deve planejar as atividades considerando os comportamentos, atitudes e habilidades que as crianças devem aprender e vivenciar, bem como os principais objetivos e metas a atingir para contribuir para a formação do jogador taticamente inteligente (GRECO, 2001).

No processo de E-A-T nos JEC, Mesquita; Graça (2006) definem que o atleta é o centro desse processo, sendo o construtor ativo de sua aprendizagem. O técnico deve ter um papel mais orientador e de guia na descoberta do conhecimento.

A divergência que existe entre os estilos de ensino diretivos, caracterizados pelo ensino explícito que decompõe em partes o conteúdo (por exemplo: método analítico) e estilos de ensino não diretivos, baseados nas teorias construtivistas e sociais de aprendizagem, colocam em debate a eficiência<sup>1</sup> e eficácia<sup>2</sup> no processo de E-A-T nos JEC (MESQUITA; GRAÇA, 2006).

Greco (2001) afirma que todo método de E-A-T se relaciona com os princípios básicos de uma corrente psicológica, tomando seu referencial teórico para planejar e desenvolver a atividade. No âmbito dos esportes, evidencia-se na prática metodológica a aplicação dos princípios inerentes às seguintes teorias psicológicas: associacionista, global, de processamento de informação e cognitiva. O autor destaca que, do ponto de vista da teoria associacionista, derivam-se processos de E-A-T reunidos nos modelos dos métodos analítico, analítico repetitivo, bem como analítico isolado.

No contexto da teoria global, especificamente nos jogos esportivos coletivos, aplica-se a proposta de Alberti e Rothemberg (1984), denominada “princípio recreativo do jogo esportivo” e metodologias como o princípio global funcional e o princípio de confronto direto.

Morales (2007), destaca também nessa relação a obra de Blázquez (1986), *“Iniciación a los Deportes de Equipo”*, na qual o autor descreve o conceito metodológico denominado “global funcional”. Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984)

---

<sup>1</sup> Eficiência: obter resultados efetivos com o mínimo de perdas, erros, dispêndios, tempo no seu trabalho, numa tarefa ou na consecução de um fim; competente, capaz.

<sup>2</sup> Eficácia: virtude ou o poder de produzir, em condições normais e sem carecer de outro auxílio, determinado efeito; efetivo.

definem que a principal característica do método global é a simplificação do jogo formal em cursos de jogos. Essa divisão atende às características da idade dos participantes e permite um aumento gradativo da complexidade e dinâmica dos jogos até chegar ao jogo formal.

Estudo importante na passagem dos métodos tradicionais para as metodologias ativas está presente na proposta desenvolvida por Bayer (1986), “O Ensino dos Jogos Esportivos” no qual o autor apresenta uma reorganização dos métodos de ensino para os jogos esportivos coletivos fundamentados na teoria global funcional, apoiando o processo de ensino nos elementos comuns às modalidades esportivas (bola, adversário, campo de jogo, árbitro, entre outros).

Estudos de Greco (2001) apontam que os métodos de E-A-T se dividem em métodos tradicionais orientados ao ensino – aprendizagem da técnica e em novas correntes metodológicas orientadas ao ensino – aprendizagem da tática. No tocante às teorias cognitivas, o autor ressalta duas correntes - apoiadas em processos de ensino formal e apoiadas nos processos de aprendizagem incidental.

Morales (2007) aponta que nas propostas de Bunker e Thorpe (1982); Thorpe, Bunker e Almond (1986), denominadas “*Teaching Games for Understanding*” (TGFU), bem como as formuladas por Griffin, Mitchel e Oslin (1997), denominadas de “*Tactical Awareness Approach*” (TAA) observam-se características de ensino e aprendizagem formal intencional. Já a corrente de aplicação incidental se inicia com os trabalhos do grupo da Universidade de Heidelberg, coordenados pelo prof. Roth, e materializam-se na proposta de Kröger e Roth (1999), traduzida para o português em 2002.

Uma das mudanças mais representativas no contexto da educação física atual é a preocupação por promover nos alunos a capacidade de aprender a aprender. Na área do treinamento, acredita-se que isto é possível, através da aquisição de estratégias e habilidades que oportunizem a apropriação de novos conhecimentos. A solução de problemas é um dos meios mais adequados para induzir nos atletas o processo de aprender a aprender. Esse estilo se caracteriza

pela apresentação de situações abertas e sugestivas que requisitam do atleta uma atitude ativa e um esforço para procurar suas próprias respostas e próprio conhecimento (BAYER, 1994; ECHEVERRÍA; POZO, 1998; GARGANTA, 2000).

O treinamento é definido por Verkhoshanski (2001) como um processo pedagógico educativo do atleta, no qual se procura o adequado desenvolvimento de conhecimentos especiais, habilidades, capacidade de trabalho físico do organismo, técnica e estratégia. Nesse contexto, o treinamento apresenta uma interação constituída pela tríade professor - atleta - ambiente por meio de um processo de contínuo crescimento e educação das capacidades e habilidades no âmbito físico, técnico – tático, cognitivo, psicológico, emocional, social e cultural.

Centrados no desenvolvimento da compreensão tática, os modelos de E-A-T nos JEC oportunizam no atleta a construção do seu próprio conhecimento técnico – tático e ao mesmo tempo, evitam que os praticantes sejam condicionados a um desgastante processo de especialização precoce.

Greco (1999) afirma que os métodos centrados na tática, nas denominadas novas correntes metodológicas, oportunizam positivamente o desenvolvimento das capacidades cognitivas de percepção, atenção, antecipação e tomada de decisão. Estes componentes inerentes às capacidades tático-cognitivas interagem com as demais capacidades necessárias ao rendimento esportivo de forma a possibilitar uma adequada performance. O emprego desses modelos permite ao praticante alcançar altos níveis de motivação e seu aprendizado se consolida através de situações – problemas reais do jogo.

Nessa sequencia de ideias, Giménez (2005) garante que nos últimos anos os estudos na área dos modelos de E-A-T nos JEC direcionaram-se a observar resultados conforme métodos tradicionais, orientados na técnica e métodos alternativos, centrados na tática. Com os progressos nas áreas da aprendizagem motora e o desenvolvimento da psicologia cognitiva, hoje se entende melhor a relação entre cognição e ação, a maneira com que o conhecimento oportuniza a ação e como a ação facilita a construção do conhecimento.

Boa parte das pesquisas tem utilizado modelos quase-experimentais nos quais o conhecimento (declarativo e processual) tem sido avaliado por meio de testes escritos. O rendimento dos atletas foi analisado através da observação do jogo com a intenção de mensurar os componentes de controle, decisão e execução e as habilidades esportivas por meio de diferentes testes técnicos. O intuito da utilização deste tipo de delineamento é aproximar o experimento a ambientes mais semelhantes à realidade e, desta forma, controlar ameaças à validade interna (THOMAS; NELSON, 2002).

Giménez (2005) realizou uma revisão das diferentes pesquisas realizadas na área da didática e metodologia nos JEC, objetivando comparar entre métodos tradicionais e métodos alternativos. Alguns desses estudos citados (BOUTMANS, 1983; DURAN; LASIERRA, 1987; MC MORRIS, 1999) já compararam as vantagens do método analítico e o método global na aquisição das habilidades técnicas e da tática, em crianças de 11 a 16 anos de idade, praticantes das modalidades esportivas basquetebol, voleibol, hockey e futebol. A duração dos experimentos compreendeu entre 06, 16 e 17 sessões de treino. Já Lawton (1989) comparou a influência do método tradicional e o método proposto por Bunker e Thorpe (1982), Thorpe, Bunker e Almond (1986), denominado “*teaching games for understanding*” (TGFU) na aquisição dos fundamentos técnicos e o nível de conhecimento tático no badminton. Os resultados obtidos não apresentaram diferenças significativas entre os grupos, o qual pode ter ocorrido pela duração do experimento que foi de 06 sessões de treino.

Quanto aos métodos centrados na tática, englobados nas novas correntes metodológicas, pode-se dizer que condicionam positivamente o desenvolvimento das capacidades cognitivas de percepção, atenção, antecipação e tomada de decisão, pois esses parâmetros são apresentados em interação com os demais componentes do rendimento esportivo, possibilitando assim, um adequado desempenho (GRECO, 1999).



Para Gimenes (2005), os modelos tradicionais se caracterizam por apresentar um ensino centrado no técnico, bem como no resultado, eliminando a possibilidade da tomada de consciência por parte do atleta. Já os métodos alternativos promulgam um desenvolvimento de capacidades cognitivas e por meio da indagação, o técnico elabora uma estratégia para que o atleta alcance a resposta que previamente ele apresentou. Essa segunda forma de consideração dos métodos de ensino pode ser vista correspondendo aos métodos ativos e formais.

#### **2.4 – Capacidades físicas e habilidades motoras no Basquetebol**

Para De Rose Jr. e Tricoli (2005), encontram-se no basquetebol as formas básicas de movimento do ser humano: corridas, saltos e lançamentos. Essas se manifestam tanto na execução dos diferentes fundamentos do jogo, bem como na sua combinação, por exemplo: deslocamentos com mudanças de direção, saltar para pegar um rebote, passar ou executar um arremesso à cesta. Outra característica de destaque no basquetebol é a variabilidade de ritmo e intensidade na execução das ações.

A prática do basquetebol exige o desenvolvimento da força, da resistência e da velocidade. No que se refere à força, De Rose Jr. e Tricoli (2005) subdividem-na em: força de salto (rebotes e arremessos), força de sprint (deslocamentos constantes, acelerações e mudanças de direção) e força de resistência (manutenção da qualidade dos gestos técnicos). A resistência geral ou aeróbia é a capacidade que garante a manutenção do estado básico de condição física do atleta e sua capacidade de recuperação de um jogo para outro. A resistência específica ou anaeróbia (de salto e de velocidade) é considerada fundamental na execução eficiente e com adequada intensidade dos movimentos específicos durante a partida. A velocidade é identificada na capacidade de deslocamento dos atletas que acontecem em pequenos espaços e que exigem respostas rápidas aos estímulos do jogo. A flexibilidade é considerada também como uma capacidade física importante para a prática da modalidade, condicionando positivamente a aprendizagem e execução dos fundamentos, bem como a prevenção de lesões articulares e musculares comuns na prática do basquetebol.

## 2.5 – O Basquetebol com a evolução da tecnologia

Quando do surgimento do Basquetebol, os alvos eram literalmente “cestas” utilizadas nas colheitas de pêssego. As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Lew Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com bordas de metal. No ano seguinte, a *Narraganset Machine & Co.* teve a ideia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda mas poderia ser aberta simplesmente puxando esta última. Logo depois, tal corda foi abolida e a bola passou a cair livremente após a conversão dos arremessos. Hoje, possuímos aros com amortecimento, tabelas acrílicas com *leds* ao redor que acendem no estouro do tempo, tudo isso em estruturas hidráulicas. A bola com costura externa foi aprimorada e hoje possui válvula. O placar era manual e agora eletrônico contendo diversas informações (FERREIRA; DE ROSE JR, 2003).

Os uniformes evoluíram muito desde o primeiro jogo em 1891, naquele ano, os jogadores usavam camisas de lã com mangas compridas, botinas e calças longas. Não demorou muito para os jogadores e treinadores notarem que mangas longas atrapalhavam os movimentos dos braços quando a bola era lançada e que o peso dos uniformes causava fadiga entre os atletas (DAIUTO, 1991). Nos dias atuais são feitos de poliéster, material com características leves e garante liberdade aos movimentos. A velha botina deu lugar a tênis com amortecimento e *chips* que fornecem informações sobre velocidade, deslocamentos e saltos de maneira instantânea.

O piso, quadras de terra ou cimento foram transformados com estruturas de madeira flutuante que absorvem o impacto. Este amortecimento reduz significativamente o ocorrência de contusões mais graves nos tornozelos, joelhos, coluna e pernas. Este sistema mantém a estabilidade da superfície independente das variações de temperatura do ambiente onde foi feita a instalação. O piso possui exclusivo sistema de amortecimento que, além de absorver cerca de 60% do impacto sofrido pelo atleta em saltos e quedas, distribui melhor o impacto sobre o

piso e devolve a carga sofrida sob forma de impulsão, o que melhora o desempenho do jogo, o conforto do atleta e previne o risco de contusões (WIKIPEDIA, 2014).

Maquinas que capturam a bola e a devolvem ao arremessador foram construídas e permitem aumentar o número de arremessos por treino entre 3 a 4 vezes. Através do seu display eletrônico, é uma máquina muito fácil de usar que tem vários esquemas de utilização e que regista os arremessos efetuados mostrando em tempo real a evolução do exercício e a percentagem de lançamento aos jogadores e treinadores (WIKIPEDIA,2014).

A estatística que a tempos atrás era feita na prancheta, por um auxiliar técnico, hoje é feita por equipe especializada, computadorizada e fornece informações aos técnicos e internautas em tempo real.

No alto rendimento a análise biomecânica dos movimentos, cada vez mais precisa, torna possível que os gestos técnicos sejam aprimorados e corrigidos, buscando sempre a melhor performance. A filmagem está sendo utilizada, nos jogos, para verificar erros de julgamento por parte dos árbitros e pelos técnicos para verificar os sistemas táticos das equipes que irão enfrentar.

## **CAPÍTULO III - MÉTODOS DE ENSINO**

Método de ensino é a maneira pela qual o professor organiza as atividades de ensino para atingir os objetivos de ensino / aprendizagem, compreendendo as estratégias, ações e procedimentos adotados que estão vinculados a reflexão, compreensão e transformação da realidade (BANDEIRA,2009).

### **3.1 - Métodos tradicionais**

A forma mais propagada no esporte para o ensino de um determinado fundamento técnico, segundo Grego (2001), apoia-se na corrente analítica, ou seja, aquela metodologia que apresenta a habilidade para o aluno nas suas partes separadas em uma série de exercícios para depois uni-las entre si e formar o todo do jogo.

No contexto da aprendizagem tradicional, esse tipo de ensino apresenta primeiramente a aprendizagem das técnicas como pré-requisito para jogar e aprender a jogar. Desse modo objetiva-se apressar a aprendizagem de destrezas e técnicas necessárias ao jogo que pela sua forma de execução são pouco comuns ou complexas. Nesse método, procede-se a segmentar os distintos elementos constitutivos dos movimentos e aprendê-los separadamente. Esses elementos devem ser combinados uns com outros até atingir a execução ideal da técnica específica na sua totalidade conforme modelos descritos pelos parâmetros biomecânicos, sendo isso, condição prévia para poder jogar e passar a um sistemático processo de aprendizagem tática do jogo no qual frequentemente os praticantes são submetidos a intensos processos de repetição de jogadas ensaiadas, com percursos de bola, deslocamentos de jogadores e local e forma de definição previamente estabelecidas.

Esse tipo de ensino, no contexto dos JEC, se manifesta por meio da aplicação do método analítico, sendo essa a forma mais conhecida de aplicação na educação física da teoria associacionista (GRECO, 2001).

O método analítico se divide em analítico, analítico repetitivo e analítico isolado (DIETRICH, DÜRRWÄCHTER E SCHALLER, 1984). No método analítico, as partes são aprendidas atendendo critérios de complexidade e por um número fixo de ensaios isolados, desenvolvendo uma aprendizagem progressiva. No analítico repetitivo, apresenta-se ao aluno uma parte da tarefa, depois é apresentada a tarefa na sua totalidade junto com outra parte da tarefa seguinte, procurando sua combinação e aprendizagem gradativa (GRECO, 2001). No analítico isolado, a tarefa é dividida em diferentes partes que são praticadas independentemente umas das outras até chegar à prática total da tarefa (GRECO, 2001).

Greco (2001) afirma que por desenvolver em forma acentuada as técnicas inerentes à modalidade, a principal vantagem do método analítico se evidencia no rápido melhoramento da técnica, sendo pré-requisito na progressão estável do melhoramento da capacidade física. A aplicação fácil do método é o que propicia a avaliação do professor em relação ao aluno, entre outras. Por outro lado, as principais desvantagens estariam representadas no pouco desenvolvimento da capacidade coordenativa geral, bem como dos sistemas circulatório e respiratório, pois devido à segmentação do movimento, se perde parcialmente sua continuidade no padrão de movimento.

O método também apresenta uma pobreza rítmica na execução da técnica por não considerar os impulsos motores que ocorrem no movimento e que se perdem ao se proceder à divisão em partes. Isto é, na segmentação do movimento, os cortes muitas vezes prejudicam a necessária transferência dos impulsos. O emprego desse método nos JEC se caracteriza por dedicar grande parte do tempo da unidade de treinamento à técnica e pouco ao jogo. O ensino evidencia uma análise formal e uma visão mecanicista de soluções previamente estabelecidas às situações do jogo.

Segundo Greco (2001), a aplicação de métodos parciais ou analíticos, com exercícios que segmentam as habilidades em partes no processo de E-A-T dos JEC, caracterizam-se nos esportes e são combinados com os princípios metodológicos denominados analítico-sintéticos. Esses princípios apresentam uma combinação da

metodologia analítica com a global. Assim, apresentam-se uma série de exercícios para aprendizado da técnica em partes, às vezes físico-técnico, com cargas para desenvolver as capacidades condicionais, para depois, aplicá-los por meio da execução global no jogo formal.

Em seus estudos, Gómez (2000) ressalta que a concepção da aprendizagem a partir de uma perspectiva da Gestalt<sup>3</sup> foi uma forma de reação contra a orientação mecânica e atomista do associacionismo condutista. Os principais participantes desse movimento na psicologia foram Kofka, Köhler, Wertheimer, Wheeler e Lewin que consideravam que a conduta é uma totalidade organizada. A análise fracionária da realidade deforma e distorce a significação do conjunto. Os fenômenos de aprendizagem e conduta como um todo são algo mais do que a soma e justaposição linear das partes. Considera-se significativamente mais importante entender a conduta do ponto de vista de suas inter-relações que formam uma totalidade do que entender em forma isolada seus elementos constitutivos.

Levando-se em conta essa teoria, o processo de E-A-T nos JEC considera a aprendizagem técnico – tática como necessária para responder a determinadas situações concretas do jogo realizadas de forma simultânea. O ponto de partida é a equipe, isto é, aprende-se a jogar por meio do deixar jogar (DIETRICH; DÜRRWACHTER; SCHALLER, 1984).

Fruto desse tipo de procedimento é uma maior motivação por parte dos jovens atletas já que o emprego de jogos (por exemplo: de perseguição, de estafetas, jogos recreativos, grandes jogos, jogos pré-desportivos, entre outros) possibilita uma apropriação na qual a técnica é aplicada de acordo com as exigências reais da modalidade (GRECO, 2001).

O trabalho de Alberti e Rothemberg (1984) denominado “conceito recreativo dos jogos esportivos coletivos” oferece em parte solução para os problemas

---

<sup>3</sup> De acordo com a teoria gestáltica, não se pode ter conhecimento do "todo" por meio de suas partes, pois o todo é maior que a soma de suas partes.

anteriormente expostos. Este modelo aborda um processo didático em que em primeiro lugar se apresenta o jogo na sua forma completa e com sua total complexidade, seguida de uma análise feita com os alunos sobre o rendimento apresentado por eles durante o jogo. Posteriormente, com base na análise conjunta realizada, procede-se a executar uma série de jogos ou exercícios para oportunizar a melhora naqueles parâmetros do rendimento, que conforme a análise do técnico e dos atletas devem ser reforçados.

Por fim, Greco (2001) certifica que uma das formas importantes de transferência de conhecimentos é introduzida nessa proposta quando, no final da fase da metodologia analítica, apresentam-se jogos aplicativos das técnicas trabalhadas analiticamente. Esses jogos visam a que o aluno consiga aplicar em situação de jogo a técnica melhorada via método analítico. O problema se apresenta quando da aplicação da técnica em situação de jogo na exigência específica que a modalidade requer.

Bayer (1986) apresenta outra proposta desenvolvida no marco da teoria global, que considera a complexidade e diversidade dos elementos constitutivos nos jogos esportivos coletivos, a sua interação e o conceito da transferência positiva na aprendizagem, formula a necessidade de se considerar as estruturas comuns dos JEC, para assim, oportunizar um adequado processo de E-A-T, evitando a especialização precoce. Acredita-se que a aprendizagem e domínio de parâmetros gerais das modalidades esportivas, assim como os parâmetros do jogo esportivo coletivo, condicionam positivamente a aprendizagem de outras modalidades classificadas nesse grupo. Isto é, a aprendizagem e treinamento de determinadas tarefas técnicas e princípios táticos (individuais e de grupo) oportunizam ao aluno a vivência de variadas situações problemas que podem ser utilizadas para solucionar eficazmente situações semelhantes em outros momentos ou competições.

A aprendizagem dos JEC necessita a aplicação de uma metodologia mais abrangente, na qual as complexas situações técnico, táticas, psicológicas e sociais possibilitem a aquisição das mais variadas experiências de jogo (GRECO, 2001).

### 3.2 - Metodologias Atuais

Ensinar a praticar esportes é oportunizar ao aluno a execução de determinadas habilidades ou gestos por meio da descoberta do prazer de se exercitar (NISTA-PICCOLO,2005).

Thorpe, Bunker e Almond (1986) formularam uma proposta com o objetivo de desenvolver um processo de E-A-T dos JEC nas aulas de Educação Física na escola que enfatizasse os processos conscientes e intencionais de aprendizagem, denominada “*Teaching Games for Understanding*” (TGFU), ou seja, aprendizagem do jogo por meio da sua compreensão. A principal característica desse método é a aquisição de um adequado nível de conhecimento tático para a solução dos diferentes problemas que o participante defronta no contexto de uma situação do jogo. O aluno aprende os princípios táticos básicos do jogo de forma intencional oportunizando uma aproximação mais consciente da ação na realização do pensamento tático que precede a jogada.

A escolha da resposta adequada à situação de jogo que se enfrenta é considerada a principal característica que determina um processo de E-A-T nos Jogos Esportivos Coletivos. A eficácia e eficiência intrínsecas ao domínio da tática esportiva própria da modalidade são solicitadas para se vencer a situação do jogo. Deste modo, acredita-se que a aprendizagem inicial nos JEC deve oportunizar o desenvolvimento das competências perceptivo – decisórias por meio do treino e de variadas formas de competição, contribuindo à apropriação tanto de habilidades técnicas quanto do conhecimento do jogo e das denominadas habilidades táticas (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006).

Corroborando com essa ideia encontra-se também a proposta de Griffin, Mitchel e Oslin (1997), denominada “*Tactical Awareness Approach*” (TAA), que vários autores têm integrado no contexto dos processos de ensino – aprendizagem dos JEC por meio da compreensão. Essas duas propostas formulam basicamente um processo de E-A-T dos JEC no qual o treinador já não é mais o centro do processo de aprendizagem. Oportuniza-se ao atleta a participação ativa, crítica e



reflexiva, ou seja, o aprendiz experimenta, vivência, reflete e faz parte na construção de seu próprio conhecimento tático (declarativo e processual).

O processo didático metodológico que abrange essas duas propostas se apresenta resumidamente em três diferentes etapas. A primeira etapa apresenta o jogo como o momento principal do treino. A segunda etapa considera o treinamento consciente do conhecimento tático (declarativo e processual) e capacidades táticas: “O que fazer?” “Quando fazer?”. A terceira etapa visa o treinamento das habilidades, isto é, “Como fazer?” (treinamento da técnica), para dessa forma, retomar novamente ao jogo (GRECO, 2001).

Os modelos de E-A-T apresentados anteriormente se apoiam no aprendizado formal e consciente de capacidades táticas e habilidades técnicas para aprender a jogar determinada modalidade coletiva. Contudo, existe também uma forma casual ou não formal de adquirir conhecimento ou aprender capacidades e habilidades no caso do esporte. Essa forma de aprendizagem se confirma no momento em que os jovens aprendem determinadas habilidades ou desenvolvem capacidades por meio das brincadeiras na rua, na escola, no parque, ou seja, todas aquelas experiências motoras adquiridas sem um objetivo planejado pelo técnico ou qualquer outro adulto, simplesmente quando as crianças têm o propósito de se divertir (GRECO, 2001).

Nesse contexto:

...as propostas de “Iniciação Esportiva Universal” (GRECO e BENDA, 1998) e “Escola da Bola” (KRÖGER e ROTH, 2002) são uma alternativa metodológica para oferecer um processo de E-A-T que oportuniza o desenvolvimento dos conteúdos das capacidades táticas, coordenativas e das habilidades técnicas. Na visão desses autores, os processos de desenvolvimento das capacidades táticas e da aprendizagem motora acontecem e interagem de forma paralela. Os autores os denominam processos de: desenvolvimento da capacidade de jogo ao treinamento tático e da aprendizagem motora ao treinamento da técnica (MORALES, 2007, p.59).

Em seus estudos, Morales (2007) destaca que, no processo de iniciação esportiva, os métodos de E-A-T mais recomendados hoje se encontram nas denominadas “novas correntes metodológicas”, particularmente pelo fato de que o emprego desses métodos na fase de iniciação evita os problemas inerentes ao fenômeno de especialização precoce. Por outro lado, a criança se defronta com atividades que oportunizam o desenvolvimento de suas capacidades e suas habilidades de forma geral sem a cobrança de execuções dos gestos técnicos conforme o padrão biomecânico ideal.

Paes (2006) acrescenta ainda que, ao se considerar que o processo de E-A-T com jovens deve possibilitar sua formação integral, pode-se vislumbrar o esporte como um importante elemento no processo educativo e um meio eficaz de sua preparação para a vida adulta.

### 3.2.1 - Ações no Esporte

De acordo com Morales (2007) com o surgimento da teoria da ação (NITSCH, 1986), a ação tática no esporte e conseqüentemente nos JEC teve uma visão do atleta como um indivíduo que interage com o ambiente circundante relacionado com a tarefa que deve executar.

Mahlo (1970) definiu a ação no esporte como a combinação significativa, mais ou menos complicada, de diversos processos motores e psíquicos que determinam a escolha de uma solução em determinada situação – problema da competição. O autor identificou as principais fases e componentes da ação tática a partir de um modelo teórico que explica como os atletas dos JEC adaptam e regulam suas ações com o intuito de solucionar as diferentes situações - problemas da competição. Esse modelo diferencia três fases sequenciais das ações no jogo:

Fase I: percepção e análise da situação;

Fase II: solução mental do problema;

Fase III: solução motora do problema.

O principal atributo desse modelo é a dinâmica sequencial das três fases. Mahlo (1970) esclarece que a percepção no jogo é também um processo de análise. O produto da percepção é uma imagem ou representação da situação envolvendo processos de conhecimento e pensamento que possibilitam o reconhecimento das soluções. A percepção e análise da situação são o resultado do conhecimento técnico – tático que possui o atleta da modalidade. A fase II começa a seguir no momento da elaboração da solução mental do problema de jogo, como resultado dessa representação mental. A solução motora do problema é uma solução de simplesmente colocar a ideia em prática.

Nitsch (1991) declara que o comportamento motor humano é intencionalmente organizado e está influenciado pelos aspectos subjetivos da tarefa e do ambiente que indivíduo percebe em determinada situação. A ação está regulada pela forma como o indivíduo adapta e percebe sua própria competência com relação à tarefa a executar no ambiente em que se encontra.

Garganta (2004) afirma que, nesse contexto, toda ação é uma ação tática, isto é, acredita-se que ação tática nos JEC contempla pressupostos cognitivos indispensáveis à regulação das ações.

A cognição se funda de um conjunto de processos cognitivos (percepção, atenção, antecipação e tomada de decisão, entre outros) que condicionam a aquisição e desenvolvimento do conhecimento técnico – tático (declarativo e processual) necessário à execução das diferentes tarefas ou soluções de problemas (GRECO, 1999).

Com o objetivo de compreender a interação entre as capacidades cognitivas e as capacidades técnico – táticas nos JEC e conseqüentemente no basquetebol, Greco (2006) elaborou um modelo pendular do comportamento tático. Esse modelo baseia-se nos diferentes trabalhos desenvolvidos na área da psicologia cognitiva no âmbito das pesquisas na área de inteligência Sternberg (2000) e da criatividade Guilford (1976), bem como nos modelos de ação formuladas por Nitsch (1986). No modelo mencionado diferenciam-se as estruturas de:

- recepção de informação (constituídas pelos processos de percepção, atenção, antecipação);
- processamento de informação (nas que ocorrem os processos de memória, pensamento, inteligência);
- decisão tática (que resulta da interação dos processos de inteligência tática, criatividade tática).

#### - Recepção de Informação

Greco (2006) relata que essa estrutura está constituída principalmente por três processos cognitivos: a percepção, a antecipação e a atenção.

Para Marina (1995) a percepção é como um processo de seleção do que nos interessa, pois o olhar do ser humano é um ato orientado pelos desejos e projetos. Perceber é dar significado às coisas. Dessa forma, o conhecimento prévio possibilita estruturar planos e objetivos que subsidiam o processo perceptivo. Por fim, Eysenck e Keane (1994) apontam que a percepção depende dos sistemas fisiológicos básicos associados aos processos sensoriais e dos processos cerebrais centrais que integram e interpretam os outputs desses sistemas fisiológicos.

Segundo Greco (2002) a percepção nos esportes e especificamente nos JEC caracteriza-se por apresentar um elevado nível de complexidade e dinâmica dos movimentos da execução das ações táticas. Os processos relacionados com a recepção de informação permitem ao jogador de basquetebol perceber e focalizar sua atenção nos diferentes sinais relevantes que se apresentam em uma determinada situação do jogo. Ao identificar os padrões do jogo, os mesmos são relacionados com os percebidos em experiências anteriores. O reconhecimento desses padrões oportuniza também um comportamento antecipatório na tomada de decisão.

Morales (2007) ilustra essa situação por meio de um exemplo no basquetebol: o ala com posse de bola percebe que seu colega pivô está se aproximando para executar um bloqueio no seu defensor. Nesse

momento, o ala realiza uma finta para o lado contrário em que ele acredita que seu colega vai realizar o bloqueio do defensor, ou seja, antecipa a ação do colega, prepara uma reação falsa do defensor de forma a facilitar o bloqueio seja efetivado. Logo depois do bloqueio o ala decide sua ação escolhendo continuar para o aro, ou pelo contrário, passar a bola para o colega que sai do bloqueio para dessa maneira atacar o aro. Esse tipo de comportamento exige dos jogadores um alto nível de conhecimento tático apoiado nos processos cognitivos inerentes à estrutura de recepção da informação MORALES, 2007, p.77).

Estudos de Konzag e Konzag (1981) relatam que, para atingir uma adequada orientação, o atleta deve desenvolver uma permanente percepção, tanto do ambiente externo quanto da sua própria ação, conforme o contexto em uma situação de jogo e os diferentes objetivos planejados para a competição. A percepção do espaço refere-se às relações com os diferentes objetos e pessoas na proximidade e à distância.

Já a percepção do movimento pondera as modificações desse no tempo e o espaço. Nos JEC a percepção do colega e do adversário tem um significado especial no momento em que são relacionadas com a posição da bola (GRECO, 1995; 2002).

Antecipação é o processo de perceber e avaliar que permite a formação de uma representação mental do objetivo a atingir em forma prévia. Isso condiciona positivamente o tipo de resposta e tomada de decisão especificamente em situações de significativa variabilidade, pressão de tempo e incerteza (GRECO, 1999).

Nos JEC em que a velocidade na tomada de decisão condiciona o sucesso ou fracasso das ações, a habilidade para antecipar eventos futuros conforme a informação obtida do comportamento técnico – tático do adversário é um fator determinante (WILLIAMS; WARD; SMEETON, 2004).

As ações técnico – táticas que o atleta elege com o intuito de solucionar determinada situação – problema da competição devem corresponder às ações do adversário, isto é, nos JEC o atleta deve ter a capacidade de antecipar também as ações que seu oponente tem intenção de executar. A tomada de decisão está determinada pela capacidade de antecipar uma situação (KONZAG, 1984).

No tocante à atenção, Samulski (2002) a descreve como um estado seletivo, intensivo e dirigido da percepção constituído por processos de recepção de informações e o processamento dessas de forma dinâmica. De acordo com Poolton et al. (2006), a atenção possibilita uma estruturação adequada do conhecimento declarativo, pois a focalização da atenção nos estímulos externos durante fases iniciais da aprendizagem libera a memória de trabalho de uma sobrecarga de regras implícitas que poderia interferir na adequada representação do movimento e posterior execução do mesmo.

#### - Processamento de Informação

São fatores constitutivos da estrutura de processamento de informações: a memória, o pensamento e a inteligência. A memória permite armazenar e recuperar a informação obtida de experiências passadas. O pensamento está relacionado com as diferentes estratégias que o atleta pode empregar para achar solução para as situações – problemas da competição, ou seja, quando o atleta precisa encontrar uma única solução dentro de uma hierarquia definida de soluções (pensamento convergente) ou pelo contrário, quando uma determinada situação – problema apresenta inúmeras soluções, podendo qualquer uma ser a correta (pensamento divergente). A inteligência está concebida pela capacidade que o atleta tem de solucionar os problemas da competição, sendo um suporte para orientá-lo em situações novas e para aprender com as experiências anteriores (GRECO, 2006).

#### - Tomada de decisão

A tomada de decisão está presente e interage com as estruturas de recepção e de processamento de informação, sendo assim, Greco (2006) destaca a importância de considerar essa estrutura não apenas como uma simples execução

motora. O processo decisório é o determinante do sucesso ou fracasso da ação do atleta na tentativa de solucionar determinada situação – problema da competição. A tomada de decisão apresenta tanto um componente automático quanto dedutivo dependendo do tipo de situação que decisão solicita. O nível de conhecimento técnico – tático é resultado e também produto do grau de desenvolvimento das estruturas de recepção, processamento da informação e de tomada de decisão.

Na tomada de decisão o fluxo de informação acontece de forma paralela, isto é, de baixo para cima e de cima para baixo (*bottom up* e *top down*), oportunizando no atleta o constante reconhecimento dos sinais relevantes, os processos de recuperação da informação e ao mesmo tempo, a escolha da solução mais adequada em determinada situação da competição (GRECO, 2006).

Para Greco (2006) a tomada de decisão pode ocorrer por caminhos diferentes para resolver uma situação – problema com consequências diferentes. Portanto, existe uma forma automatizada de agir selecionando a resposta mais adequada, mas sem precisar de um raciocínio consciente e sem a utilização do conhecimento declarativo.

Durante o processo de aprendizagem o cérebro estabelece conexões que ligam diretamente o *input* com o *output*<sup>4</sup> mais adequado, surgindo uma resposta rápida e sem precisar de uma prévia deliberação. Seja qual for o tipo de sistema utilizado na solução de determinada situação – problema da competição, o fato de atender ou não aos diferentes sinais relevantes implica um ato decisório. Nesse momento interagem as estruturas de recepção, processamento e tomada de decisão, com o intuito de estruturar e orientar “o que fazer” (conhecimento declarativo) e “o como fazer” (conhecimento processual), concretizados por meio da execução do gesto técnico mais adequado na resolução de determinada tarefa (GRECO, 2006).

---

<sup>4</sup> Input/output é um termo utilizado quase que exclusivamente no ramo da computação (ou informática), indicando entrada (inserção) de dados por meio de algum código ou programa, para algum outro programa ou hardware, bem como a sua saída (obtenção de dados) ou retorno de dados, como resultado de alguma operação de algum programa, conseqüentemente resultado de alguma entrada.

French e Thomas (1987) estudaram a influência do conhecimento (declarativo e processual) no desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão e desempenho no basquetebol. Os participantes do estudo foram divididos em dois grupos de acordo com sua idade (8 – 10 anos e 11 – 12 anos) e nível de habilidade (alta e baixa habilidade). Eles utilizaram um teste de conhecimento em basquetebol para avaliar o nível de conhecimento declarativo, um teste de arremesso e drible para identificar o nível de conhecimento processual e um instrumento de observação para analisar o desempenho das crianças durante o jogo.

Os resultados determinaram que o conhecimento declarativo “o que fazer” pode ser adquirido mais rapidamente do que o conhecimento processual “como fazer”. Portanto, aprender o que fazer pode ser oportunizado de maneira mais adequada por meio da aprendizagem de situações do jogo do que na execução de habilidades próprias da modalidade em forma isolada e fora de uma situação real do jogo. Os estudos apontaram ainda que, o incremento no nível de conhecimento (declarativo e processual) pode predizer significativamente um adequado desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão (FRENCH; THOMAS, 1987).

Tavares (1993), comparou o tempo de reação e a tomada de decisão entre jogadores de basquetebol seniores e cadetes, considerando a influência da idade e experiência. Ao mesmo tempo, procurou correlacionar estas duas variáveis: tempo de reação e tomada de decisão. Os resultados possibilitaram concluir que os atletas seniores processam a informação mais rapidamente do que os atletas cadetes, sendo que esses últimos apresentam maior número de erros nas respostas do que os primeiros. No que se refere à capacidade de tomada de decisão, os atletas seniores são mais rápidos para decidir taticamente, suas respostas são mais adequadas e investem menos tempo do que os atletas cadetes. Pode-se dizer que tanto a idade quanto a experiência influenciaram positivamente na diferenciação entre atletas peritos (cadetes) e atletas novatos (seniores).

Em estudo realizado com jogadores de Basquetebol, Raab e Johnson (2004) verificaram as diferenças individuais no tempo e eficácia na tomada de decisão. As diferenças individuais foram determinadas pelas características de personalidade



dos jogadores, isto é, jogadores orientados “à ação” e jogadores orientados “com o estado”. Os pesquisadores concluíram que os jogadores orientados “à ação” são aqueles que focalizam sua atenção no objetivo sem avaliar o nível de risco da situação, já o jogador orientado “com o estado” é aquele que avalia todos os riscos da situação e toma decisões com base nessa ponderação. Os autores determinaram também que os jogadores orientados “à ação” são mais rápidos, eficazes e precisos na tomada de decisão, do que os jogadores orientados “com o estado”.

Na pesquisa de Wickens (1992) são abreviadas as características que diferenciam o jogador experiente do iniciante em relação à quantidade da tomada de decisão: habilidade para selecionar a melhor alternativa; maior repertório de possíveis hipóteses e ações na memória de longo prazo com maior eficiência para adequar as decisões às probabilidades presentes e riscos; junção maior entre reconhecimento preciso, formação de hipótese e tomada de decisão (maior compatibilidade estímulo-resposta com base no reconhecimento e processos de associação).

Por fim, pode-se concluir que a pesquisa na área da tomada de decisão nos JEC tem sido orientada como uma variável significativa do rendimento esportivo. A partir da análise e avaliação da tomada de decisão, torna-se possível identificar a importância das capacidades cognitivas na solução das diferentes tarefas da competição e seu adequado desenvolvimento por meio de processos de E-A-T que oportunizem o aprendizado da técnica no contexto de situações reais do jogo (PAULA, 2000; SOUZA, 2002).

### 3.2.2 - Conhecimento Técnico – Tático

De Rose Jr. (2006) considera que na vida de um jogador, a quantidade de prática é fundamental. Num processo que transcorre ao longo dos anos, a prática leva à ampliação das estruturas de conhecimento, com a aquisição de mais conceitos, mais relações definindo cada conceito, mais inter-relações entre conceitos. As situações de jogo adquirem maior significado, a assimilação das informações é melhor.

Williams et al (2004) acrescentam que, além disso, adquire-se maior habilidade para acessar os conceitos e mais sistemas de produção ou procedimentos sobre como agir em uma situação em relação à outra.

Para Greco (2006), o conhecimento técnico - tático que o indivíduo detém se apoia nas diferentes representações que ele tem armazenado. Esse conhecimento constitui a base para o funcionamento das estruturas de recepção, de elaboração da informação e de tomada de decisão.

Greco (2006) destaca que a importância e relação do conhecimento técnico – tático no comportamento do atleta foi primeiramente proposta por Sonnenschein (1987). A autora, apoiada na teoria da ação Nitsch (1986), elaborou um modelo teórico no qual a capacidade de percepção (recepção e elaboração da informação) e de tomada de decisão (elaboração de planos e chamado dos planos para executar a ação) se apoiam na estrutura do conhecimento técnico – tático.

Segundo Marina (1995), o conhecimento é uma construção do sujeito que oportuniza os processos de percepção, reconhecimento e procura da informação com o intuito de aplicá-la adequadamente na solução de problemas e produzir soluções eficazes e efetivas.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que nos JEC tanto o conhecimento técnico - tático como a capacidade para a solução de problemas, manifestada por meio de uma tomada de decisão, estão diretamente relacionados. A conduta dos atletas em uma situação do jogo caracteriza-se pela permanente tensão entre conhecimento e ação (GARGANTA, 2000). Deste modo, considera-se necessário no processo de E-A-T nos JEC, além do desenvolvimento das habilidades técnicas próprias da modalidade e das capacidades físicas necessárias à realização dos movimentos ou técnicas, o adequado desenvolvimento do conhecimento técnico-tático dos atletas.

## CAPÍTULO IV - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi desenvolvido em três etapas distintas. Em sua primeira fase, foi realizada uma revisão de literatura para subsidiar como ocorre a evolução do basquetebol desde sua criação até suas formas de ensino, a presença da tecnologia e o manual de orientação para o *blog* sobre o treinamento dos sistemas táticos no basquetebol.

A segunda fase da pesquisa caracterizou-se pelas entrevistas semiestruturadas com os técnicos especialistas em basquetebol que apontaram qual o fundo que o *blog* deveria conter.

Na última etapa foi realizada a elaboração do material que alimentou o *blog* de basquetebol, que ao partir do proposto, voltou-se para o tratamento dos sistemas táticos, sendo eles o ataque organizado, o contra-ataque e os sistemas de defesa. Desta forma, filmamos uma equipe que se predispôs a realizar todos os sistemas propostos pelos técnicos e posteriormente editamos essas filmagens para montagem do *blog*. Utilizamos a filmadora da marca Sony, modelo handcam HDR xc 110.

O *blog* foi selecionado como meio digital devido sua facilidade de elaboração e manipulação. Além disso, a plataforma utilizada não possuiu custos, dispondo de grande capacidade de armazenamento e interatividade, por meio de um agrupamento de diferentes mídias em um mesmo endereço virtual (BRAGA, 2008).

Essa é uma pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa é o método de pesquisa que, com frequência, envolve a observação intensiva e prolongada de um ambiente natural, o registro preciso e detalhado do que acontece nesse ambiente, a interpretação e a análise dos dados, etc. Também chamada de etnográfica, naturalista, interpretativa, fundamentada, fenomenológica, subjetiva e participativa intencional (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

Para Lüdke e André (1986) o estudo qualitativo se desenvolve em situações consideradas naturais, ou seja, onde os fenômenos de fato ocorrem, sendo rico em dados descritivos, além de possuir um plano considerado aberto e flexível que focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Segundo Thomas, Nelson e Silverman (2007), a pesquisa qualitativa progride em um processo indutivo de desenvolvimento de hipóteses e teoria à medida que os dados são revelados. O pesquisador é o instrumento primário da coleta e análise de dados, por isso que esse tipo de pesquisa caracteriza-se por uma intensa presença do pesquisador. Os autores consideram também que o aspecto mais importante da pesquisa qualitativa é o conteúdo interpretativo, ou seja, as formas como os dados obtidos são interpretados pelo pesquisador.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador é o principal instrumento da coleta e da análise dos dados. Ele interage com os participantes e sua sensibilidade e percepção são essenciais na busca e no processamento de observações e respostas. O modo como o pesquisador administra as respostas durante a coleta e a análise dos dados afeta a qualidade desses dados e as conclusões (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

Por isso, na pesquisa qualitativa, não se objetiva criar um distanciamento dos fenômenos analisados e sim justamente fazer parte deles. As formas de reprodutibilidade, objetividade e validade dão lugar a interpretação subjetiva do pesquisador, não se preocupando com a reprodução dos procedimentos pesquisados e sim com a singularidade das interpretações específicas do caso estudado.

#### **4.1 - Entrevistas semiestruturadas com técnicos desportivos**

Antes de iniciar o processo de construção do blog sobre ensino-aprendizagem-treinamento, entrevistamos técnicos de basquetebol sobre a importância do *blog* e quais os conteúdos que este deveria conter.

Optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, pois, de acordo com Marconi e Lakatos (1982) a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema tendo inúmeras vantagens, tais como, poder ser utilizada com todos os segmentos da população, além da possibilidade de se conseguir informações mais precisas e que possam ser quantificadas.

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, oferecendo um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que surgem, à medida que recebem as respostas do informante.

Thomas, Nelson e Silverman (2007) consideram ainda que as entrevistas em geral produzem dados mais válidos devido ao contato pessoa e à oportunidade de certificar-se de que os entrevistados compreenderam as questões.

Objetivou-se, com a realização das entrevistas, conhecer alguns técnicos especialistas que trabalham com o basquetebol, bem como compreender suas opiniões acerca do ensino do basquetebol, treinamento e sobre a utilização de *blogs* didáticos nos treinamentos. A opinião dos técnicos foi importante tanto para ser discutida com eles, que estão nas quadras, quanto para subsidiar alguns saberes considerados importantes sobre o basquetebol que contribuíssem para a elaboração do material.

Para mais informações, ver a página 95, intitulada “*Roteiro para as entrevistas com os técnicos especialistas*”.

De acordo com Betti (2009), o diálogo permanente com a realidade da qual se originou o projeto – a prática pedagógica e seus atores – reduz o risco de —abuso do saber por parte dos pesquisadores, em geral professores universitários dos quais se esperam soluções.

Assim, acreditamos que os técnicos apresentaram condições de contribuir para com a construção de materiais didáticos, desde que o processo garanta discussões e reflexões dialógicas a partir de uma perspectiva formativa continuada pautada por relações democráticas e na troca de aprendizagens e experiências significativas.

## **4.2 Participantes da pesquisa**

Participaram das entrevistas oito técnicos de basquetebol, com média de tempo de atuação profissional de 15,62 anos. Portanto o grupo foi formado pelos oito técnicos, sendo os 8 do gênero masculino.

Seis dos participantes admitiram ter experiência prévia como praticante efetivo de basquetebol (atleta federado), além de outros dois técnicos que, embora não fossem praticantes, admitiram que foram atletas federados em outras modalidades esportivas. Os técnicos 1, 4 e 5 afirmaram também estarem cursando e/ou terem realizado pós-graduações *lato sensu* em nível de especialização relacionadas às temáticas de treinamento desportivo ou pedagogia do esporte. O técnico 6 afirmou ter ministrado a disciplina de basquetebol durante 3 anos no ensino superior e o técnico 8 também afirmou ter ministrado a disciplina de basquetebol durante 11 anos.

Dessa forma, foram selecionados oito técnicos de basquetebol de maneira intencional não probabilística, com idades entre 30 e 57 anos (média de idade de 46 anos e 9 meses). Rudio (1978) define como amostras intencionais não probabilísticas aquelas oriundas por meio de uma estratégia adequada, escolhendo casos para a amostra que represente determinada população sob algum aspecto. Portanto, com os resultados obtidos nesta amostra não é possível realizar generalizações e sim analisar as características dessa determinada amostra.

Os critérios para caracterização dos técnicos foram: serem técnicos de basquetebol federados por um período de, no mínimo, dois anos (média de tempo de atuação de 15 anos e 8 meses).

A identidade dos técnicos da amostra foi mantida em sigilo. Sendo assim, cada um dos deles recebeu o prefixo de —técnico e o número correspondente à ordem de realização das entrevistas: técnico 1, técnico 2, técnico 3, técnico 4, técnico 5, técnico 6, técnico 7, técnico 8. O quadro 1 ilustra as principais características dos técnico especialistas:

Quadro 1 – Caracterização dos técnicos participantes do estudo

Identificação	Idade	Gênero	Tempo de Prática- Técnico de Basquetebol (em anos)	Categorias com as quais ministrou o treinamento do basquetebol
Técnico 1	36	Masculino	4	Adulto
Técnico 2	30	Masculino	2	Sub 14
Técnico 3	47	Masculino	22	Todas
Técnico 4	49	Masculino	21	Todas
Técnico 5	57	Masculino	15	Adulto
Técnico 6	48	Masculino	27	Todas
Técnico 7	51	Masculino	8	Sub 19 e Adulto
Técnico 8	56	Masculino	26	Sub 19 e Adulto
Média	46,75	Masculino	15,62	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **4.3 Forma de Coleta de dados**

Os dados foram coletados no local de trabalho dos técnicos, ou seja, na quadra onde os técnicos ministram seus treinamentos, antes ou após a realização dos mesmos, exceto os técnicos 5 e 8 que foram entrevistados em suas residências.



## CAPÍTULO V – RESULTADOS

Os dados coletados com os técnicos especialistas participantes da entrevista para construção *blog* foram analisados por meio do procedimento de análise de conteúdo.

### 5.1 – Análise dos resultados

A definição de análise de conteúdo, para Bardin (1991) é:

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (BARDIN, 1991, p.42).

Bardin (1991) declara também que a análise de conteúdo segue três etapas para a concretização do processo: a pré-análise, definida como as estratégias para a coleta dos dados e a organização do material para posterior análise; a exploração do material e tratamento dos resultados, composta pela codificação, classificação e categorização dos dados, na busca por sínteses de dados coincidentes, divergentes e neutros, localizados nas mensagens; e a inferência e interpretação, representada pelo aprofundamento da análise da etapa anterior, desvendando o conteúdo latente dos dados manifestos.

Para Marconi e Lakatos (1982) a finalidade da técnica de análise de conteúdo é descrever sistematicamente o conteúdo das comunicações. Bardin (1991) acrescenta ainda que, a análise de conteúdo é um instrumento metodológico com o potencial de aplicação a discursos diversos e que visa compreender estruturas e modelos submersos nos fragmentos de mensagem e também busca conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. O método para a análise

de conteúdo apresenta como etapas de trabalho a organização da análise, a codificação, a categorização e a inferência.

De acordo com Marconi e Lakatos (1982) é preciso levar em consideração dois aspectos importantes na hora da elaboração dos instrumentos de análise da análise de conteúdo: a determinação das categorias de classificação e a escolha das unidades de análise, que podem ser palavras, frases, temas, etc.

Destaca-se ainda que a pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Rio Claro com o parecer número 767.598 de 27 de agosto de 2014 e os técnicos selecionados que aceitaram participar desse estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo todas as possíveis dúvidas sanadas pelo pesquisador.

## **5.2 – Resultados e discussões**

De modo geral, os técnicos especialistas apresentaram algumas considerações bastante pertinentes tanto sobre a utilização do *blog*, quanto o conteúdo dos sistemas táticos. A partir da análise de conteúdo realizada por meio das transcrições das falas dos técnicos especialistas, emergiram alguns eixos indicadores do discurso que foram aglutinados em duas categorias: Quanto a utilização do *blog* e Opinião dos técnicos acerca do conteúdo dos sistemas táticos.

### **5.2.1 – Quanto a utilização do *Blog***

Os oito técnicos participantes da pesquisa foram unânimes em afirmar que a utilização do *blog* como ferramenta no processo ensino-aprendizagem-treinamento dos sistemas táticos é possível e vantajosa.

Conforme apontou o Técnico 4:

*“Será muito bom mostrar para os atletas, por meio das imagens contidas no blog, aquilo que poderão fazer dentro da quadra quando se defrontarem com determinado sistema tático. É diferente e alguns*

*atletas tem dificuldades de enxergar o que tem que fazer ”*  
(TÉCNICO 4).

Essa perspectiva corrobora com a fala apresentada pelo técnico 1 ao relacionar o treinamento com o uso da tecnologia. De acordo com ele: *“Eu acho que a maior vantagem é a motivação dos atletas em poder utilizar o blog dentro do treinamento com situações reais”* (TÉCNICO 1).

Para o técnico 2, os sistemas táticos são plausíveis de ser ensinados com a utilização do *blog*. Para ele: *“é possível se utilizar do blog no treinamento assim como já utilizamos jogos filmados de adversários que iremos enfrentar”* (TÉCNICO 2).

O técnico 3 opinou de maneira bastante objetiva: *“acredito que o blog pode ser um das ferramentas a oferecer informações e conhecimentos aos treinadores e, com isso, colaborar com o processo de formação e desenvolvimento profissional desse grupo de trabalhadores”* (TÉCNICO 3).

Ressalta-se ainda o apontamento apresentado pelo técnico 8 que considerou a utilização do *blog* como muito importante para o treinamento nas escolas de esporte de modo geral e o treinamento de equipes de competição de modo específico, evidenciando a necessidade de incluir as tecnologias no contexto do treinamento do basquetebol. Para ele:

*“No treinamento, parece que é uma fase que a tecnologia é deixada de lado, por conta até da tradição, e dos problemas que o método de ensino ainda encontra no caminho. Mas eu acho que há conteúdos que encaixam muito bem no treinamento de equipes de escolinhas e competitivas e os sistemas táticos é um deles. Eu acho que a característica dos atletas, de descobrir o novo, de estar vendo o que o blog proporciona, encanta muito os atletas”* (TÉCNICO 8).

O técnico 7, por sua vez, citou que: *“o uso da tecnologia está presente no dia-a-dia dessa garotada, então, é uma excelente ideia empregar o blog dentro do treinamento”* (TÉCNICO 7).

Não obstante, o técnico 6 observa ainda que: *“acho válido o uso do blog e temos que nos adequar a utilização da tecnologia também nos treinamentos pois o blog sendo atraente, motiva os atletas na construção do conhecimento”* (TÉCNICO 6).

O técnico 8 reportou que o *blog* pode auxiliar o técnico na sua intervenção, cabendo à ele discernir sobre como utilizar o material. Para este especialista:

*“o técnico tem que ver o blog para intervir melhor. Mesmo que o blog seja ruim, é importante que o técnico veja e tenha uma visão crítica sobre ele. É emergencial, a produção de blogs didáticos é hoje emergencial! Precisa ser feita, de preferência com muitas opções”* (TÉCNICO 8).

Esse técnico enfatizou a importância de se elaborar *blogs* didáticos, contribuindo para a diversidade de materiais e metodologias possíveis ao longo da prática pedagógica, no treinamento. Para ele:

*“A elaboração de materiais didáticos no treinamento é emergencial! Blog didático precisa ter porque ele é uma opção. Eu não estou entendendo o blog didático como uma apostila do Basquete, que seja fechada. Eu acho que é uma opção. Eu acho que ele é muito importante (...) É engraçado que isso é tão importante para o basquetebol crescer, e é tão pouco explorado porque a gente tem que ter uma diversidade muito grande de opiniões, a gente precisa ter, porque é da diversidade de opiniões que a gente chega a consensos. A gente não pode ter apenas um blog didático, a gente tem que ter milhares de opções”* (TÉCNICO 8).

Embora todos técnicos admitirem que o uso do *blog* seja pertinente ao treinamento, houve um técnico que comentou não ter estrutura, em seu local de trabalho, para a utilização do *blog*. Para o técnico 5, a defasagem em termos de

formação profissional e os problemas de infraestrutura são fatores indissociáveis. Este especialista admitiu:

*“Os maiores problemas são a formação continuada dos técnicos e, sobretudo, as condições de estrutura. Vamos dizer assim, a combinação das duas coisas. Não tenho como utilizar recursos tecnológicos no meu clube mas o blog é importante porque os atletas podem acessar em suas casas” (TÉCNICO 5).*

### 5.2.2 – Opinião dos técnicos acerca do conteúdo dos Sistemas Táticos

Ao avaliarem o trato pedagógico do conteúdo dos sistemas táticos no treinamento, os técnicos especialistas reconheceram e elencaram três tipos de sistemas que, de alguma forma, facilitaram a divisão dos conteúdos para o desenvolvimento do *blog*.

Por categorização, percebemos que, os oito especialistas dividiram a parte tática em: ataque organizado, contra-ataque e sistemas de defesa, sendo este último dividido em defesa individual, defesas por zona, defesas pressão, defesas mistas e *match up*.

Desse modo, optamos por descrever estes sistemas no manual de orientação para o *blog*, constante no anexo I desta tese.

O Técnico 1 admitiu: *“os principais aspectos táticos que devem constar nesse blog são conceitos de ataque, contra-ataque e sistemas de defesa” (TÉCNICO 1).*

Essa perspectiva corrobora com a fala apresentada pelo técnico 4 ao relacionar os sistemas de defesa com contra-ataque e ataque organizado. De acordo com ele:

*“Eu acho que todos os sistemas de defesa são importantes e devem ser ensinados, mas o contra-ataque deve ser prioridade pois os*

*Estados Unidos, atuais Campeões do Mundo, estão provando isso com cerca de 70% de seu jogo baseado no roubo da bola. Os jogadores tem que ser inteligente pois se o contra-ataque não fluir tem que saber jogar no 5 contra 5” (TÉCNICO 4).*

Nessa mesma perspectiva, o técnico 6 sinalizou:

*“a importância do jogo coletivo, os tipos de ajuda defensiva, saídas de pressão, contra-ataque, defesas individual, zona, match up, assim como esboços de jogadas de ataque contra determinadas defesas são conteúdos importantes para se trabalhar com os atletas” (TÉCNICO 6).*

Do mesmo modo, o técnico 5 também vinculou a importância dos sistemas defensivos com os sistemas táticos, afirmando *que “os atletas devem saber todos os tipos de defesa para quando chegarem a categoria adulta dar conta do recado” (TÉCNICO 5).*

Para o técnico 8, *“ nos sistemas táticos ofensivos devem aparecer jogadas de ataque organizado a até mesmo algumas transições de defesa para o ataque que possam ser de fácil compreensão” (TÉCNICO 8).*

O técnico 3 demonstrou uma visão que corrobora com a questão do ataque organizado e contra-ataque dentro dos sistemas táticos, considerando que *“a transição da defesa para o ataque talvez seja o mais importante aspecto a ser treinado, caso isso não ocorra a equipe tem que saber jogar dentro de uma organização ofensiva” (TÉCNICO 3).*

O técnico 2, que foi o único que enfatizou, ao longo de seu discurso, que o *blog* pode ser utilizado, pelos atletas, sem a presença do treinador. Para ele:

*“ Um blog, destinado a essa faixa etária, deve constar principalmente os pontos positivos e negativos de cada sistema tático e, além disso, vídeos em que os adolescentes possam assistir e reproduzi-los*

*sozinhos, sem o auxílio do técnico. Assim eles podem assistir em suas residências, ganhando tempo e auxiliando na aprendizagem” (TÉCNICO 2).*

Reconhecendo a importância do blog para o treinamento dos sistemas táticos, o técnico 7 apontou:

*“ Muito boa essa iniciativa do blog didático pois além de despertar a curiosidade dos atletas em conhecer todos os sistemas (transição, ataque e defesa) de uma maneira diferente, eles também poderão assistir os vídeos e perceber as vantagens e desvantagens de cada sistema. Acredito que além disso, o blog deva conter endereços eletrônicos dos principais campeonatos disputados na atualidade, como NBB, NBA e Liga Europeia pois ali se encontram os melhores atletas do mundo” (TÉCNICO 7).*

De fato, o basquetebol desenvolvido no alto-rendimento enche os olhos dos expectadores e serve de espelho para os jovens atletas que pretendem alçar voos mais altos.

A profícua opinião sobre as possibilidades de inovação no que corresponde à utilização do *blog* no treinamento de equipes, apresentadas pelos técnicos especialistas, assim como o conteúdo que esse deveria conter contribuiu sobremaneira para a elaboração do material.

Quanto a planejamento e organização dos conteúdos para o ensino do basquetebol nas escolas de esportes/clubes pelas Associações Regionais e Federações Estaduais, foi consenso entre os técnicos desse grupo que seria muito importante.

## CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que os modelos centrados na tática, ou seja, aprendizagem do jogo por meio da sua compreensão, denominados de métodos ativos ou também de integrativos, são os mais adequados nos processos de iniciação esportiva nos JEC e especificamente no basquetebol por apresentar um amplo conjunto de atividades semelhantes às situações que o atleta se depara no no jogo formal. Isso corrobora com nossa ideia de utilização do *blog* para a formação do jogador inteligente.

Confiamos que os Nativos digitais, os quais anseiam pela interatividade, que será a verdadeira impulsionadora das suas ações, possam usufruir do *blog* durante a fase em que ocorra o treinamento dos sistemas táticos do basquetebol.

Os Técnicos Desportivos foram unânimes em afirmar que o *blog* pode ser utilizado como recurso no processo E-A-T dos Sistemas Táticos o que nos leva a acreditar que nosso trabalho terá um efeito bastante positivo nos treinamentos.

Concluimos que, para esse grupo, o *blog* é relevante para ser utilizado como ferramenta no processo ensino-aprendizagem-treinamento e que, a tática individual, grupal e coletiva, assim como, os diferentes sistemas de defesa (individual; zona; pressão; mista e match up), movimentação organizada no ataque e transição são conteúdos pertinentes para esse fim.

Como produto de nossa Tese originou-se o *blog* que abrange vários sistemas táticos, cujo endereço para acesso é:

**<http://mauroschiavon.wix.com/blogparaobasquetebol>**

### 6.1 - Sugestões para futuras pesquisas

Pensando em novas pesquisas, a ampliação de participantes, diversificação na faixa etária, ampliação do tempo de coleta e análise, bem como ampliação e modificação dos instrumentos de coleta, são sugestões para novas partidas no



sentido de maior compreensão do uso de tecnologias no treinamento de participantes de equipes de basquetebol.

## REFERENCIAS

- ALBERTI, H., ROTHEMBERG, L. **Ensino de jogos esportivos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- ALVES, J.; ARAÚJO, D. Processamento da informação e tomada de decisão no desporto. In: CRUZ et al., **Colecção Manuais de Psicologia**. Editorial Bárbara Melo, 1996.
- ANDERSON, J. R. **Language, memory and thought**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1976.
- ANDERSON, J.R. **The architecture of cognition**. Harvard: Harvard Univesity Press, 1983.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2003.
- BANDEIRA, D. **Materiais Didáticos**. Curitiba, PR: IESDE, 2009.
- BARBANTI, V.J. **Dicionário de educação física e esporte**. 2ª Edição. São Paulo: Manole, 2003.
- BAYER, C. **La enseñanza de los juegos deportivos colectivos**. Barcelona: Hispano- Europea, 1986.
- BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Lisboa, Dinalivro, 1994.
- BENTO, J. O. Pedagogia do Desporto. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.
- BLÁZQUEZ, D.S. **Iniciación a los deportes de equipo**. Barcelona: Ed. Martinez Roca S.A. 1986.

BOUTMANS, J. Comparative effectiveness of two methods of teachings team sports in secondary schools. In: Congresso AIESEP 1983, Roma. **Teaching Team Sports**. Roma, 1983.

BORBA, M.; MALHEIROS, A. P. S.; ZULATTO, R. B. A. **Educação a distância online**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRAGA, A. A. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BRUNER, J.S. On perceptual readiness. **Psychological Review**, nº64, 1957.

BUCKINGHAM, D. **Crecer en la era de los médios electrónicos – Tras la muerte de la infância**. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 2002.

BUNKER, D.J.; THORPE, R.D. A model for the teaching of games in secondary schools. **Bulletin of Physical Education**. v. 18, n. 1, 1982.

CASTRO FILHO, J. A. Linguagens Midiáticas e Comunicação em EaD. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 79, 2008.

CHI, M.T.H.; GLASER, R. A capacidade para a solução de problemas. In: STERNBERG, R. **As Capacidades Intelectuais Humanas. Uma abordagem em processamento de informações**. Porto alegre: Artmed, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLLI, R.; FAINA, M. Investigación sobre el rendimiento en el basket. **Revista de Entrenamiento Deportivo**, v. 1, n. 2, 1987.

CONCEITO. **Conceito de Tecnologia**. Disponível em: <http://conceito.de/tecnologia>. Acesso em: 11 de ago. 2014.

DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia do ensino**. São Paulo: Brasipal, 1983.

DAMÁSIO, A. **E o cérebro criou o Homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DE HOLANDA FERREIRA, A. B. Tecnologia. **Novo dicionário Aurélio**. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 18 de ago. 2014.

DE OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. **Ciência do basquetebol. Pedagogia e metodologia da iniciação à especialização**. Londrina: Midiograf, 2004.

DE ROSE, Jr. D. Modalidades esportivas coletivas: o basquetebol. In: DE ROSE, Jr. D. (Org.) **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

DE ROSE, Jr.D.; TRICOLI V. Basquetebol: conceitos e abordagens gerias. In: DE ROSE, Jr.D.; TRICOLI V (Org.). **Basquetebol. Uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri, SP: Manole, 2005.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLER, H. **Os grandes jogos metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

DURÁN, C.; LASIERRA, A. Estudio experimental sobre didáctica aplicada a la iniciación de los deportes colectivos. **Revista de Investigación y Documentación Sobre las Ciencias de la Educación Física y del Deporte**. Madrid: CSD, 7, 1987.

ECHEVERRIA, M. DEL P.P.; POZO, J.I. A prender a resolver a problemas e resolver problemas para aprender. In: POZO, J.I. (Org.). **A Solução de Problemas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ELLIOT, J. **El cambio educativo desde la investigación-acción**. Madrid: Morata, 1993.

EYSENCK, M.W.; KEANE, M.T. **Psicologia Cognitiva: um manual introdutório**. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1994.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASKETBALL. **Regras Oficiais**. Disponível em: [www.fpb.com.br](http://www.fpb.com.br). Acesso em 05 de maio de 2014.

FERREIRA, A. E. X.; DE ROSE, J.D. **Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático – pedagógica**. São Paulo, EPU, 2003.

FERREIRA, H.;B.; GALATTI, L.;R.; PAES, R.;R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino – aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R.;R.; BALBINO, H.;F. (Eds.). **Pedagogia do Esporte. Contextos e Perspectivas**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2005.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FRENCH, K.E.; THOMAS, J. The relation of knowledge development to children's basketball performance. **Journal of Sport Psychology**, 1987.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos colectivos: perspectivas e tendências**. Movimento. 1998.

GARGANTA, J. Analisar o jogo nos Jogos Desportivos Coletivos: Uma preocupação comum ao Treinador e ao Investigador. **Horizonte**, 1998.

GARGANTA, J. O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In: GARGANTA, I. (Ed.) **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Universidade do porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 2000.

GARGANTA, J. A formação estratégico – tática nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para crianças e jovens. Razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIMÉNEZ, A.M. **Técnicas de enseñanza en la iniciación al baloncesto**. Barcelona: INDE Publicaciones, 2005.

GÓMEZ, A.I.P.; Os processos de ensino-aprendizagem: análise didática das principais teorias da aprendizagem. In: SACRISTÁN, J.G.; GÓMEZ, A.I.P. **Comprender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GONZÁLEZ, F. J. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (Org.). **O fenômeno esportivo: ensaios críticos-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. Ensino do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.

GRAÇA, A.; RICARDO, V.; PINTO, D. O ensino do basquetebol: Aplicar o modelo de competência nos jogos de invasão. Criando um contexto desportivo autêntico. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.

GRECO, P.J. **Consideraciones psicopedagógicas del entrenamiento táctico.** Stadium, 1989.

GRECO, P.J.; BENDA, R.N. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Vol. 1. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

GRECO, P.J. (Org.) **Iniciação Esportiva Universal Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Belo Horizonte: UFMG, Vol. 2, 1998.

GRECO, P.J. Cognição e Ação. In: SAMULSKI, D. (Ed.) **Novos Conceitos em Treinamento Esportivo.** CENESP, UFMG. Publicações Indesp, 1999.

GRECO, P. J. Métodos de ensino – aprendizagem – treinamento nos jogos esportivos coletivos. In. Emerson Silami Garcia; Kátia Lemus Moreira. **Temas Atuais IV.** Belo Horizonte: Health. 2001.

GRECO, P.J. O ensino-aprendizagem-treinamento dos esportes coletivos: uma análise inter e transdisciplinar. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. (Org). **Temas Atuais VII,** Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

GRECO, P.J. Processos Cognitivos: dependência e interação nos Jogos Esportivos Coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K (Orgs.). **Temas atuais VIII em Educação Física e Esportes.** Belo Horizonte, 2003.

GRECO, P.J. Iniciação esportiva universal e escola da bola: uma integração das duas propostas. In: GARCIA, E.; LEMOS, K (Orgs.). **Temas atuais X em Educação Física e Esportes.** Belo Horizonte: Health, 2005.

GRECO, P.J. Conhecimento tático-técnico: eixo pendular da ação tática (criativa) nos jogos esportivos coletivos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, Vol.20, 2006.

GRECO, P.; ROTH, K.; SCHÖRER, J. Ensino-aprendizagem-treinamento da criatividade tática nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K. (Org.), **Temas atuais IX: Educação Física e esportes**. Belo Horizonte: Saúde, 2004.

GUARIZI, M. R.; SHIGUNOV, V. Basquetebol: novos procedimentos metodológicos para a iniciação - uma proposta de ensino. **Motrivivência**. Universidade Federal de Santa Catarina, n.18, 2002.

GUILFORD, J. P. Aptitude for creative thinking: one or many? **Journal of Creative Behavior**, n. 10. 1976.

HENRY, P. ; MOSCOVICI, S. **Problèmè de l'analyse de contenu**. Langage, n. 2, 1968.

HOUSNER, L.; FRENCH, K. Future directions for research on expertise in learning, performance and instruction in sport and physical education. **Quest**, n. 46, 1994.

KONZAG, I. La formación técnico-táctica en los juegos deportivos. **Stadium**, Buenos Aires, n. 105,1984.

KONZAG, I. La formación técnico-táctica en los juegos deportivos: Los problemas teóricos y metodológicos del entrenamiento de la técnica y la táctica en la enseñanza de los juegos deportivos. **Stadium**, Buenos Aires, n. 107, 1984.

KONZAG, I. A formação técnico-táctica nos jogos desportivos. **Futebol em Revista**, nº14, 4ª Série, 1985.

KONZAG, G., KONZAG, I. Anforderungen an die kognitiven Funktionen in der psychischer Regulation sportlicher Spielhandlungen. **Theorie und Praxis der Körperkultur**, ano 31, 1981.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.



LAWTON, J. A comparison of two teaching methods in games. **Bulletin of Physical Education**. v. 25, n. 1, 1989.

LIBANEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos: pra quê?**. São Paulo, Cortez, 2002.

LÜDKE, M; ANDRÉ M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHLO, F. **O Acto Tático no Jogo**. Lisboa: Editora Compendium, 1970.

MARINA, J.A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Lisboa: Editora Caminho da Ciência, 1995.

MARQUES, W. **Basquetebol**: Apostila do Curso Técnico Desportivo. UNESP, 1989.

MCMORRIS, T. Cognitive Developmental and the Acquisition of Decision-Making Skills. **International Sport Psychology**. New York, n. 30, 1999.

MCPHERSON, S.L.; THOMAS, J. Relation of knowledge and performance in boys tennis: age and expertise. **Journal of Experimental Child Psychology**, 1989.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1982.

MARINA, J.A. **Teoria da Inteligência Criadora**. Lisboa: Editora Caminho da Ciência, 1995.

MENDES, L. (1999) **A defesa no processo de preparação desportiva em basquetebol**. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto: Desporto para Crianças e Jovens) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto. Porto, 1999.

MORALES, J. C. P. **Processo de Ensino-Aprendizagem-Treinamento no Basquetebol:** Influencia no Conhecimento Tático Processual. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 3. ed. Campinas: Papyrus, 2009.

MORENO, J. H. **Fundamentos del deporte:** Análisis de las estructuras del juego deportivo. Barcelona: INDE Publicaciones, 1994.

MORENO, J. H.; RIBAS, J. P. R. **La praxiologia Motriz:** fundamentos y aplicaciones. Barcelona: INDE Publicaciones, 2004.

NICOLINI, H. **Tietê:** o rio do esporte. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

NISTA-PICCOLO, V.L. Pedagogia dos esportes. In: NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). **Pedagogia dos Esportes.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 2005.

NITSCH, J.R. Zur handlungsteoreretischen grundlegung der sportpsychologie. In: GABLER, H.; NITSCH, J.R.; SINGER, R. **Einführung in die Sportpsychologie.** Teil 1. Grundthemen. Schorndorf: Hofmann, 1986.

NITSCH, J.R. The organization of motor behavior: An action-theoretical perspective. In: NITSCH, J.R.; SEILER, R. (Eds). **Bewegungsregulation und motorisches lernen. Motor Control and Motor Learning.** 1991.

OLIVEIRA, J.; GRAÇA, A. (1995) O ensino do basquetebol. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Eds.). **O Ensino dos Jogos Desportivos.** Porto: Universidade de Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

PAES, R.; R. Pedagogia do esporte: Especialização esportiva precoce. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.

PAULA, P. **Processo de validação de teste para avaliar a capacidade de decisão tática e o conhecimento declarativo no voleibol: situações de ataque de rede**. 2000. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2000.

PEREIRA, F. M. **Dialética da cultura física**. São Paulo: Ícone, 1988.

POOLTON, J.M.; MAXWELL, J.P.; MASTERS. R.S.W.; RAAB, M. Benefits of an external focus of attention: Common coding or conscious processing? **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n. 1, 2006.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. NCB University Press, Vol. 9 n. 6, December 2001. Disponível em: [http://www.marcprensky.com/writing/Prensky\\_DigitalNatives,DigitalImmigrantsPart2.pdf](http://www.marcprensky.com/writing/Prensky_DigitalNatives,DigitalImmigrantsPart2.pdf) . Acesso em: 07 de jun. 2014.

RAAB, M.; JOHNSON, J.G. Individual differences of action orientation for risk taking in sport. **American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance**. Vol. 75, n. 3, 2004.

REIS. P. C. Defesa do basquetebol: uma abordagem técnica, tática e de ensino-aprendizagem. **EFDeportes.com**. Revista Digital. Buenos Aires, ano 10, n. 85, 2005.

RINK, J.E.; FRENCH, K.E.; TJEERDSMA, B.L. Foundations for the learning and instruction of sports and games. **Journal of Teaching in Physical Education**. n. 15, 1996.

RODRIGUES, J.A. **A capacidade de decisão tática e o conhecimento de jogo em jogadores juniores de basquetebol: estudo comparativo entre basquetebolistas federados e do desporto escolar**. 1998. 183 f. Dissertação

(Mestrado em Ciência do Desporto: Treino de Alto Rendimento) Universidade do Porto, FCDEF, Porto, 1998.

RODRIGUES, J.A. A capacidade de decisão tática e o conhecimento do jogo em jogadores juniores de basquetebol. In: TAVARES, F.; JANEIRA, M.; GRAÇA, A.; PINTO, D.; BRANDÃO, E. (Eds.). **Tendências Actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2001.

SAAD, M. A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do Futsal**. 2002. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte. Manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia**. Belo Horizonte: Manole, 2002.

SILVA, G. A.; MOREIRA, L. S. **A influência da tecnologia na vida de crianças e adolescentes dos pequenos centros urbanos**. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/sociais/sociedade/a-influencia-da-tecnologia-na-vida-de-criancas-e-adolescentes-dos-pequenos-centros-urbanos-/artigo>. Acesso em 07/07/2014. Acesso em: 01 de jul. 2014.

SONNENSCHNEIN, I. **Wahrnehmung und taktisches Handeln im Sport. Betrifft Psychologie & Sport Sonderband 10**. Köln. R. F. Alemanha: B.P.S. Editora, 1987.

SOUSA SANTOS, B. de. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, P. **Validação de teste para avaliar a capacidade de tomada de decisão e o conhecimento declarativo em situações de ataque no futsal**. 2002. Dissertação. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2002.

- STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artemed, 2000.
- TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.
- TAVARES, F. Tomada de decisão no basquetebol: aplicação de um teste-vídeo computadorizado para avaliação. In: PINTO, D e MOUTINHO, C. (Eds.). **Estudos 1**. CEJD/FCDEF-UP, 1996.
- TAVARES, F.; GRECO, P.; GARGANTA, J. Perceber, conhecer, decidir e agir nos jogos desportivos coletivos. In: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S (Eds.). **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2006.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- THOMAS, J.; FRENCH, K.; HUMPHRIES, C.A. Knowledge development and sport skill performance. Directions of motor behaviour research. **Journal os Sport Psychology**, 1986.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. **Rethinking games teaching**. Loughborough. UK. University of Technology. Department of Physical Education and Sport Science, 1986.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- TURNER, A.; MARTINEK, T. Teaching for understanding: a model for improving decision making during game play. **Quest**, 1995.
- VERKHOSHANSKI, Y.V. **Treinamento desportivo**. Porto Alegre: Artmed. 2001.

WICKENS, C. D. **Engineering Psychology and Human Performance**. Champaign (Ill): Harper Collins, 1992.

WILLIAMS, A.M.; WARD, P.; SMEETON, N.J. Perceptual and cognitive expertise in sport: implications for skill acquisition and performance enhancement. In: WILLIAMS, A.M.; HODGES, N.J. **Skill Acquisition in Sport: Research, Theory and Practice**. 1ª Edição. Londres: Routledge, 2004.

WIKIPEDIA. **Tecnologia**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia>. Acesso em: 18 de ago. 2014.

## ANEXO A

### MANUAL DE ORIENTAÇÃO PARA O BLOG

#### ESTRATÉGIA E TÁTICA NO BASQUETEBOL

Garganta (2000) declara que a estratégia se relaciona à elaboração dos diferentes planos da ação e a tática se refere a aplicação da estratégia no contexto de uma situação do jogo ou da competição.

Nos JEC estratégia e tática estão estreitamente relacionadas por meio da ação esportiva. Esses elementos interagem para determinar um maior ou menor nível de pertinência às tarefas executadas pelos jogadores no jogo (GARGANTA, 2004).

Para De Rose Jr. (2006) a tática:

...diz respeito ao conteúdo cognitivo da oposição entre as equipes, podendo ser analisada sob a ótica individual ou coletiva. É a capacidade de manipular o ambiente, em meio à dinâmica ataque-defesa, e a ponderação dos limites da própria capacidade de resposta com o objetivo de resolver o problema tático imposto pelo adversário, novamente no plano individual ou coletivo. Sua qualidade é dependente da capacidade de percepção das informações mais relevantes do meio, do processamento de informação rápido e preciso, e da capacidade de concretização motora da resposta (DE ROSE JR., 2006,p.43).

Já a estratégia, compreende todos os níveis de planejamento e organização dos conteúdos de preparação de uma equipe. “O plano estratégico de uma equipe é geralmente realizado pela comissão técnica em acordo com os dirigentes responsáveis pela equipe” (DE ROSE JR., 2006, p.48).

Assim, nos JEC e conseqüentemente no basquetebol, estratégia e tática são fatores determinantes na execução das diferentes tarefas da competição. Contudo,

Garganta (2000) afirma que todos os jogadores se comportam taticamente, porém aqueles que possuem um maior nível de conhecimento técnico – tático o fazem estrategicamente.

Ainda, Greco e Benda (1998) definem a tática como o sistema de planos de ação que desencadeiam tomadas de decisão, possibilitando a elaboração de ações motoras orientadas à obtenção da meta planejada.

De acordo com Bayer (1986), conforme o jogador tenha a posse da bola ou não, considera-se tática no ataque a obtenção e conservação da posse de bola, o desequilíbrio da defesa adversária e a finalização.

De Rose Jr. (2006) descreve que, no basquetebol, a obtenção da posse de bola acontece quando o adversário marca ponto, em rebotes defensivos ou por meio da interceptação de passes, bolas roubadas e violações às regras de jogo feitas pelo adversário. A conservação da posse de bola acontece por meio das diferentes ações visando levar a bola para o objetivo, criando desequilíbrio na defesa e oportunizando adequadas situações de finalização.

Do ponto de vista defensivo, Bayer (1986) define a tática, com base na recuperação da posse de bola, contenção do ataque e proteção da cesta.

No basquetebol, o objetivo da defesa é a recuperação da posse de bola por meio de ações que possibilitem interceptação de passes, dificultem os movimentos de ataque, induzam o adversário a cometer erros, que evitem arremessos fáceis e possibilitem um adequado posicionamento para evitar o ataque à cesta (REIS, 2005; DE ROSE JR., 2006).

Para De Rose Jr. (2006), a tática no basquetebol está baseada em situações individuais e coletivas e essas, por sua vez, subdividem-se em táticas grupais em situações com igualdade, superioridade e inferioridade numérica (1x1, 3x2, 4x5, entre outras) criadas pelas ações ou comportamentos que se apresentam em diferentes momentos do jogo.



## **TÁTICA INDIVIDUAL**

Segundo De Rose Jr. e Tricoli (2005) a tática individual no basquetebol é definida como a capacidade de executar os fundamentos de defesa (posição defensiva, deslocamentos e rebote) e ataque (drible, passes, arremessos e rebote) próprios da modalidade.

A tática individual de ataque é deliberada como a criação de condições para conduzir a bola por meio do controle do corpo, do drible e do arremesso nos setores da quadra mais adequados para a execução de passes e arremessos. Agora, na tática individual de defesa, o defensor orienta suas ações conforme o jogador que estiver marcando, ou seja, atacante com ou sem a posse da bola (DE ROSE JR., 2006; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005).

Oliveira (2004) ainda acrescenta:

Na posse de bola, os atletas precisam dominar as fintas de várias formas, para recepcionar a bola, correr de diferentes maneiras, posicionar-se nos espaços livres, possuir boa técnica de bloqueio ou corta-luz, ter velocidade ótima de reação, parada brusca e saídas rápidas em diferentes direções, frente, costas, de lado, com mudança de ritmo associados às rotações e giros (OLIVEIRA, 2004, p.108).

As situações de um contra um são as mais pertinentes no desenvolvimento da tática individual no basquetebol (DE ROSE JR., 2006).

## **TÁTICA GRUPAL**

Está relacionada a situações em pequenos grupos ou situações de dois contra dois e três contra três (DE ROSE JR., 2006; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005). Oliveira e Graça (1995) afirmam que as situações de três contra três agrupam todas as ações táticas ofensivas e defensivas no basquetebol, tornando-se a atividade mais recomendada no processo de E-A-T da modalidade.

No ataque, as ações estão representadas pelas situações de servir e ir (movimentação do atacante para receber a bola em melhores condições de finalização). Várias combinações podem surgir em função do posicionamento dos jogadores: Armador/lateral; lateral/pivô; armador/pivô.

Esta ação não envolve, necessariamente, contato entre atacante e defensor e ocorre numa sequência que, geralmente, é a seguinte; passe, deslocamento com finta e mudança de direção, passe de volta e arremesso (DE ROSE JR., 2006, p.118).

Em situações de duplas, o corta-luz é denominado de bloqueio direto: um atacante passa a bola a seu colega, corre na direção do marcador deste e faz um bloqueio momentâneo com o corpo, para atrasar a passagem do defensor, enquanto o atacante com bola se desloca em direção à cesta. Em situações de trios, recebe o nome de bloqueio indireto: feito no defensor do atacante que não está de posse de bola (DE ROSE Jr., 2006; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005; PAES; OLIVEIRA, 2004).

Tanto o servir e ir quanto o corta-luz são utilizados contra sistemas de defesa individual.

Defensivamente, a tática grupal permite, em situações de duplas e trios, a execução de ajudas (ação do defensor mais próximo da bola), as saídas de corta-luz (sair do bloqueio por cima, pelo meio ou por baixo dependendo da posição do atacante com bola) e a troca de marcação (troca de atacante que está sendo marcado) (DAIUTO, 1991; DE ROSE Jr., 2006; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005).

## **TÁTICA COLETIVA**

A tática coletiva é expressa pelos sistemas de ataque e defesa que são elaborados a partir do material humano disponível, sistemas utilizados pela equipe adversária, características de uma determinada equipe e situações momentâneas do jogo ou da competição (DE ROSE JR; TRICOLI, 2005; DE ROSE Jr., 2006).

No tocante aos sistemas de defesa, De Rose Jr. (2006) declara que os sistemas básicos são o individual e o por zona. Para Daiuto (1983), o sistema individual apoia-se no conceito da marcação de cada atacante por um defensor, respeitando as características físicas e técnicas desses jogadores. O sistema de defesa individual subdivide-se em simples (defensor entre atacante e cesta),

orientada para a bola (defensores marcando a linha da bola) e flutuação (ações defensivas no lado forte ou lado fraco do ataque) (DAIUTO, 1991; DE ROSE JR., 2006).

De Rose Jr. (2006) assegura que o sistema por zona se caracteriza pela marcação de setores da quadra, dependendo da posição da bola. Para De Rose Jr. e Tricoli (2005), as defesas por zona subdividem-se em defesas pares (dois jogadores na primeira linha de defesa) e defesas ímpares (um ou três jogadores na primeira linha de defesa).

## **DEFESA NO BASQUETEBOL**

A defesa talvez seja a chave do sucesso de uma equipe vitoriosa, pois como a própria mecânica do jogo salienta, o basquetebol é um jogo em que se sucedem ataques e defesas e logicamente a equipe que melhor defender, terá um maior número de posses de bola, ocasionando com isto um maior número de ataques. Supõe-se que o basquetebol é um jogo em que vence a equipe que defende com mais eficiência. Defender é impedir ou tentar impedir que um jogador obtenha melhor posição para conquista de cesta (GUARIZI, M. R.; SHIGUNOV, V., 2002).

Defender ou marcar é:

1- Dificultar ou impedir que o adversário:

- Receba a bola;
- Arremesse à cesta;
- Passe corretamente;
- Drible tranquilamente;
- Corra livremente;
- Monte os seus habituais esquemas;
- Organize o seu ataque;
- Adquira posições favoráveis;
- Ganhe o jogo.

2- Para uma boa defesa, exige-se:

A - Agressividade é:

- Não acomodar-se na defesa;
- Vibrar em todos os momentos do jogo;
- Não dar tréguas ao adversário;
- Rapidez mental e física (tempo de reação);
- Antecipar-se ao adversário;
- Superar-se fisicamente.

B - Ajuda e Recuperação:

- Quando um companheiro for batido pelo atacante, o homem mais próximo, realiza a ajuda até que o mesmo se recupere.
- Dobra de marcação em defesa pressão.

C - Determinação:

- Vontade de marcar;
- Satisfação em anular o adversário;
- Confiar nas suas possibilidades;
- Enervar e desesperar o adversário;
- Superar-se nos momentos difíceis. (MARQUES, 1989).

O jogador de Basquetebol, para integrar um sistema de defesa em conjunto, seja ele qual for, deve conhecer todos os movimentos que serão executados para não permitir que o atacante atue livremente.

Todo atleta, naturalmente, prefere o jogo ofensivo, e com isso esquece a parte defensiva, então, cabe ao professor estimular seus atletas e inculcar a responsabilidade que deve ter um defensor. Talvez esta seja a tarefa mais árdua que um professor enfrentará na preparação de uma equipe.

## PRINCÍPIOS DEFENSIVOS BÁSICOS

Quando você marca um jogador com a bola “você marca com as pernas”.

Quando você marca um jogador sem bola “você marca com os braços”.

Quando você marca um jogador que se desloca “você marca com o corpo”.

## POSIÇÃO BÁSICA DEFENSIVA

A posição básica do jogador de basquetebol deverá permitir-lhe atuar com segurança, facilidade e eficiência.

Uma postura que facilita enfrentar qualquer situação que surja durante uma partida, inicia-se com as pernas e o tronco semi-flexionados, a cabeça naturalmente erguida, olhando para frente, sendo que os braços devem estar ligeiramente abertos.

Então um outro fundamento básico defensivo é o deslocamento. É preciso ensinar ao iniciante a deslocar-se de maneira correta, principalmente a corrida, de frente, de costas e também o deslocamento lateral enquanto estiver na posição de expectativa ou posição de marcação durante a ação ofensiva de seu adversário.

### ERROS COMUNS:

- Posicionar-se com as pernas unidas ou afastá-las demasiadamente, prejudicando o equilíbrio e o deslocamento;
- Flexionar demasiadamente os joelhos;
- Inclinar o tronco exageradamente, colocando-se em uma posição desconfortável;
- Olhar exclusivamente para a bola ou para os pés do atacante;
- Abaixar os braços, em atitude de desatenção;
- Quando o atacante estiver sem bola, não mantê-lo no seu campo de visão.

Atualmente um dos fatores que mais devemos focar na aprendizagem dos fundamentos defensivos é a necessidade de tomar a iniciativa na defesa, ou seja, não esperar o atacante iniciar um movimento para reagir. Deve-se tomar a iniciativa da ação, pois quem toma a iniciativa estará sempre na frente daquele que reage. Este princípio é denominado de “AÇÃO X REAÇÃO” é sem sombra de dúvida, o

fator mais importante em toda ação defensiva, pois o mesmo sendo conscientizado e aplicado de maneira incessante, fará com que o adversário sinta dificuldade em jogar, pois estará sendo induzido a jogar de uma maneira a qual não está habituado (GUARIZI, M. R. 2002).

### VISÃO PERIFÉRICA

Um aspecto muito importante do trabalho defensivo e que está relacionado com uma maior amplitude do ângulo de visão.

Desta forma, os alunos deverão praticar sua visão de modo a serem capazes de ver sempre seus adversários e o jogador que está com a bola.

### DESLOCAMENTOS

Os deslocamentos, feitos a partir da posição básica, poderão ser executados lateralmente, para á frente e para trás. O deslocamento lateral se faz através de pequenas passadas, procurando manter a mesma distância inicial entre os pés.

O deslocamento para frente e para trás assemelha-se aos movimentos do esgrimista, sempre evitando unir os pés ou executar pequenos saltos. Nos dois casos (deslocamento lateral e para frente e para trás), deve-se iniciar o movimento sempre com a perna contrária ao lado que se pretenda seguir.

### ERROS COMUNS:

- Cruzar as pernas ou uni-las;
- Não se manter na posição básica defensiva;
- Saltar;
- Impedir a movimentação do atacante com os braços;
- Não manter a distância adequada entre o defensor e o atacante que é de aproximadamente um braço.

### HÁBITOS DEFENSIVOS

- Estar sempre entre o adversário e a cesta;
- Localizar a bola sem perda de tempo;
- Nunca cruzar as pernas durante os deslocamentos;

- Evitar saltos desnecessários;
- Estar sempre atento para interceptação de passes;
- Movimentar os braços na defesa para desviar a atenção dos adversários;
- Falar com os companheiros procurando orientá-los;
- Realizar bloqueios de rebote;
- Aproximar-se mais do adversário depois que ele parar de driblar, forçando-o a cometer erros.

## **SISTEMAS DE DEFESA**

Para Marques (1989); Mendes, L. (1999); Guarizi, M. R.; Shigunov (2002), De Rose; Ferreira (2003), Reis (2005); Oliveira; Paes (2006) as defesas podem ser:

- Individual;
- Zona;
- Sob pressão;
- Match Up;
- Mista.

### **Defesa Individual**

No período de iniciação, recomendamos o emprego do sistema de defesa Individual, uma vez que estamos seguros de que apenas por seu intermédio poderão ser perfeitamente desenvolvidos os Princípios Defensivos Básicos, base para a execução correta de qualquer Sistema Defensivo de uma equipe.

É o mais antigo sistema de defesa. Hoje, com alguns melhoramentos é o mais utilizado pela maioria das equipes.

Neste sistema, cada defensor tem a obrigação de marcar determinado adversário, responsabilizando-se pelas ações ofensivas do mesmo. Isso não significa, porém, que a posição da bola, nesse momento, seja totalmente esquecida ou abandonada.

A constante evolução e aperfeiçoamento da técnica ofensiva tornaram necessária a introdução de diversas variações no sistema de defesa individual, na tentativa de torná-la mais eficiente e produtiva. Entre as diversas variações poderemos classificá-las:

A – Em relação à quadra:

A1 - Quadra toda ou 4/4;

A2 - Meia quadra ou 1/2;

A3 - Recuada ou 1/4;

A4- Mista – Exemplo: Um jogador marca 4/4, e os outros 1/4 da quadra.

B – Em relação ao adversário:

B1 - Com adversário definido;

B2 - Com flutuação;

B3 - Na linha da bola ou antecipação;

B4 - Com troca de marcação.

Apesar de ser o primeiro sistema de defesa que devemos ensinar aos iniciantes, não é o mais eficiente para todos os momentos do jogo. Sendo assim, daremos algumas recomendações de quando devemos ou não utilizar esse sistema defensivo.

Emprego:

Utilizado em finais de partida em que a equipe esteja perdendo;

Utilizado contra equipes mal preparadas física e/ou técnicas e taticamente;

Contra equipes que tenham bons arremessadores de média e longa distância;

Utilizado como fator surpresa;

Quando não se recomenda o uso:



Em quadras escorregadias;

Quando não se tem bons jogadores na reserva;

Quando existe grande diferença de estatura entre as equipes.

Pontos a serem enfatizados:

Atenção constante no seu adversário;

Não permitir que o adversário jogue folgado;

Dificultar o recebimento da bola;

Impedir que o adversário finte ou drible em posições favoráveis;

Não se descuidar do atacante;

Dar ajuda e cobertura aos seus companheiros quando for necessário.

Vantagens:

Define a responsabilidade;

Propicia o equilíbrio físico e técnico entre defensores e atacantes;

É adaptável a qualquer tipo de ataque;

É fácil de ser ensinado;

Dificulta para o ataque a troca de passes e também a realização de arremessos de médias e longas distâncias.

Desvantagens:

Para equipes mal preparadas fisicamente;

Exige muito empenho e muita concentração mental no jogo e no adversário;

Requer fundamentos defensivos perfeitos;

Provoca maior número de faltas pessoais e coletivas;

Exige um bloqueio de rebote perfeito (individual e coletivo);

É problemático o uso contra ataque organizado.

### **SISTEMA DE DEFESA EM CONJUNTO POR ZONA**

É um sistema de defesa utilizado no Basquetebol onde cada jogador é responsável por uma determinada área ou setor.

Os jogadores se deslocam em bloco e em função da movimentação da bola, ou seja, na posição onde a bola estiver todos estarão de frente para ela e de costas para cesta, sendo que o defensor mais próximo do atacante de posse de bola deverá marcá-lo individualmente e seus companheiros devem se deslocar dentro de suas zonas a fim de realizar a cobertura e interceptar passes.

A escolha deste tipo de defesa é feita em função das características dos jogadores que irão executá-las e as habilidades dos jogadores da equipe adversária.

Também pode ser utilizada em situações onde não devemos expor os jogadores a cometerem número excessivo de faltas.

A identificação para se definir o tipo de defesa por zona é feita por algoritmos que irão indicar, a partir do centro da quadra, a ordem dos defensores.

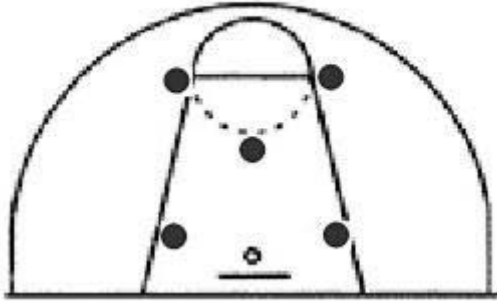
Geralmente, são colocados na frente (parte de cima) da defesa o armador e os alas, que são mais baixos, porém mais rápidos e de maior agilidade, enquanto, atrás (próximos à cesta) são colocados os pivôs, jogadores mais altos e que tenham melhores condições de obter o rebote.

### **DIFERENTES TIPOS DE DEFESA POR ZONA**

A defesa por zona deverá ser ensinada logo após os alunos aprenderem o sistema básico, que é o individual, pois futuramente, a equipe poderá utilizar os dois sistemas e até combinação de ambos (defesa combinada).

## DEFESA POR ZONA 2-1-2 E 2-3

### Marcação por Zona 2 / 1 / 2



#### Vantagens:

- Para quadras mal iluminadas;
- Para quadras com deficiência em aros e tabelas ou escorregadias;
- Para quadras externas quando há vento;
- Permite e facilita o contra ataque organizado;
- Ameniza o acúmulo de faltas pessoais e coletivas;
- Facilita a obtenção dos rebotes defensivos;
- Fácil montagem do triângulo de rebote;
- Contra equipes que não tenham bons arremessadores de meia distância;
- Contra equipes que tenham bons infiltradores;
- Dificulta o trabalho dos pivôs contrários que jogam próximo da tabela;
- Facilita a volta organizada para a defesa, devido ao posicionamento pré-determinado.

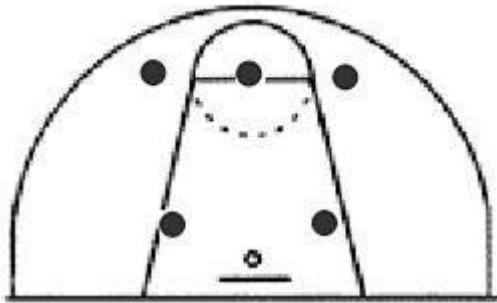
#### Desvantagens:

- Exige uma grande participação de todos;
- Provoca um desgaste físico dos alas muito grande;

- Contra equipes que possuam boa movimentação de bola;
- Bem explorada permite os arremessos de meia distância;
- Para finais de jogos, quando se está perdendo e se precisa da posse da bola;
- Permite ao adversário a posse da bola, o ritmo e o controle do jogo;
- Não é uma defesa agressiva.

### DEFESA POR ZONA 1-2-2 E 3-2

#### Marcação por Zona 3 / 2



#### Vantagens:

- A princípio dá ideia de ser defesa individual;
- Dificulta os arremessos de meia distância (na região de cima).
- É fácil de ser ensinada;
- Facilita a interceptação da bola, nos passes;
- Dificulta a movimentação da bola;
- Facilita as saídas para os contra-ataques organizados;
- Dá responsabilidade mais definida a cada defensor;
- Maior sentido de cobertura nas áreas vulneráveis;

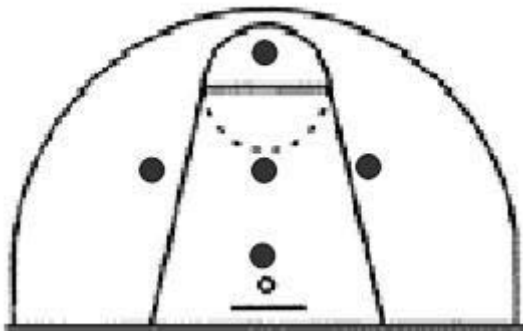
- Contra equipes cujos pivôs são fracos, mas os arremessadores são bons;

Desvantagens:

- Exige muito conjunto;
- Provoca dúvidas de posicionamento;
- Facilita o trabalho dos pivôs contrários;
- Facilita os arremessos dos cantos da quadra;
- Facilita as penetrações pelos fundos da quadra;
- A ação do defensor pode ser anulada com o posicionamento de dois ou mais atacantes em sua zona.
- Sobrecarrega o trabalho defensivo dos homens que se posicionam mais próximos da cesta.

### **DEFESA POR ZONA 1-3-1**

#### **Marcação por Zona 1 / 3 / 1**



Vantagens:

- Contra equipes mal preparadas taticamente;
- Dificulta a movimentação da bola e arremessos na região de cima da quadra;
- Permite o corte de passes na região de cima da quadra;

- Melhor cobertura na área do lance-livre;
- Facilita o contra-ataque organizado;
- Dificulta o trabalho do pivô de cima;

Desvantagens:

- Contra equipes bem preparadas taticamente;
- Sobrecarrega o trabalho do homem que defende mais próximo da tabela;
- Debilita o rebote defensivo;
- Permite as penetrações e arremessos pelos cantos da quadra.

### **SISTEMA DE DEFESA SOB PRESSÃO**

É um tipo de defesa muito agressiva que caracteriza-se pela situação de dois defensores marcarem o atacante com posse de bola (dois contra um (2X1)).

Embora possa ser utilizada durante todo o jogo, sua aplicação ideal deve ser feita em certos momentos de uma partida, como por exemplo, quando se está atrás no marcador ou apenas para mudar o comportamento ofensivo do adversário.

Para que os defensores suportem o forte ritmo de marcação, necessita-se um intenso trabalho de condicionamento físico.

#### Tipos de Defesa Sob Pressão

O Sistema de Defesa em Conjunto Sob Pressão além das suas próprias características, também utiliza conceitos e características de outros sistemas defensivos. Dessa maneira a pressão pode ser por “zona” ou “individual” e ainda pela distribuição dos defensores pela quadra, podemos classificar a defesa como:

- quadra toda;
- $\frac{3}{4}$  da quadra;
- $\frac{1}{2}$  quadra.

### Princípios Fundamentais

- Nas situações favoráveis fazer sempre o 2 X 1;
- Procurar deter a progressão da bola impedindo o drible ou interceptando passes;
- Antecipar-se ao adversário;
- Prever as coberturas para as eventuais escapadas;
- Voltar rapidamente à defesa em casos de passes longos;
- Não ficar atrás da linha da bola;
- Pressionar sem cometer falta;
- Visão periférica do jogo e da quadra;
- Forçar a finalização apressada do atacante;
- Provocar violações (5 segundos, 8 segundos e outras regras).

### Vantagens:

- Contra equipes mal preparadas fisicamente, tecnicamente e taticamente;
- Produz grande efeito psicológico;
- Permite trocas de marcação;
- Aumenta a possibilidade de recuperação da bola pela defesa;
- É importante como fator surpresa;
- Força o adversário a alterar seu ritmo de jogo;
- Exige muito trabalho ofensivo do atacante, levando-o a cometer erros e/ou violações.

### Desvantagens:

- Requer um ótimo preparo físico e técnico;

- Provoca maior número de faltas pessoais;
- Os corredores de velocidade aumentam;
- Favorece ao ataque a utilização momentânea dos jogadores que estejam sem marcação;
- Exige muito treinamento e muito conjunto.

### **SISTEMA DE DEFESA “MATCH UP”**

É uma defesa combinada que significa “igualar ou emparelhar”. Ocorre quando uma equipe está posicionada marcando um tipo de defesa por zona qualquer e depois de deflagrado um sinal previamente combinado por esses defensores, passam a marcar individualmente.

É o sistema defensivo que se caracteriza pela utilização de dois sistemas defensivos em um mesmo ataque. Necessita de muito treinamento para que não venham ocorrer falha ou desatenções.

#### Vantagens

- Confunde o ataque, que perderá tempo para se reorganizar, em função das alterações de suas movimentações;
- Força o ataque a cometer erros técnicos.

#### Desvantagens

- Exige um grande entrosamento entre os defensores.

### **SISTEMA DE DEFESA MISTA**

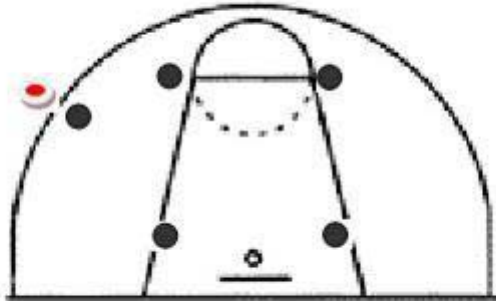
É o sistema de defesa em que são utilizados simultaneamente dois sistemas defensivos durante um mesmo ataque.

Exemplo: Um defensor marca individualmente um atacante definido, e seus companheiros marcam por zona.

#### Tipos de Defesa Mista



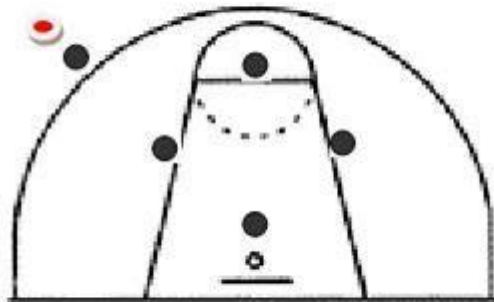
## BOX ONE

**Marcação por Zona *Box-One***

**Em vermelho - jogadores de ataque; em preto - jogadores de defesa**

Um defensor marca individualmente um atacante definido, e os outros quatro marcam por zona 2-2, próximos ao garrafão.

## DIAMOND ONE

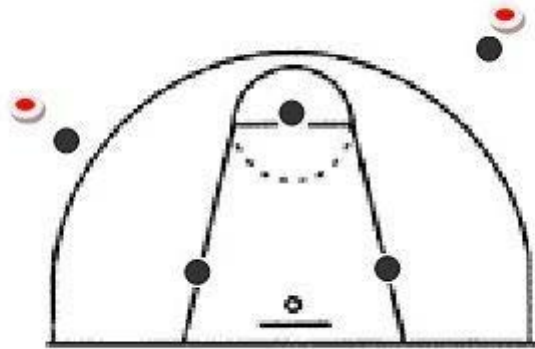
**Marcação por Zona *Box-one*, com a formação em zona em Losango**

**Em vermelho - jogadores de ataque; em preto - jogadores de defesa**

Um defensor marca individualmente um atacante definido, e os outros quatro marcam por zona 1-2-1 na área restritiva.

## TRIANGLE TWO

### Marcação por *Zona Triangle*, com a formação triângulo tradicional



Em vermelho - jogadores de ataque; em preto - jogadores de defesa

Dois defensores marcam individualmente dois atacantes definidos, e os outros três marcam por zona 1-2 no garrafão.

Vantagens:

- Inibe as ações ofensivas do melhor jogador atacante adversário;
- Altera o ritmo de jogo do ataque;
- Força o adversário a adaptar-se a defesa, com movimentos ofensivos que nem sempre são treinados.

Desvantagens:

- Enfraquece a área restritiva pela retirada de um ou dois defensores, que realizam marcação especial;
- O deslocamento dos defensores que marcam por zona é maior, pelo fato de, às vezes três defensores terem de exercer tal marcação;
- A atenção na movimentação da bola e também das coberturas deve ser mais exigida.

## SISTEMAS DE ATAQUE

Segundo Bayer (1994), os três princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando à obtenção de ponto.

Para De Rose Jr. (2006) os sistemas de ataque apresentam duas situações básicas na sua dinâmica: ataque posicionado e contra-ataque. O ataque posicionado ocorre no momento em que a defesa está estabelecida na sua quadra defensiva requisitando dos atacantes um posicionamento definido. Nesse tipo de ataque, cada jogador deve cumprir uma função específica e os deslocamentos visam à obtenção de um melhor posicionamento para criar oportunidades de passe ou finalização.

Normalmente, os times são organizados com um armador, um escolta, um lateral, um ala-pivô e um pivô. Existem outras formações possíveis que dependem basicamente das características dos atacantes, dos defensores e da situação em que o jogo se encontra. Nesse tipo de ataque, há movimentações organizadas e codificadas para identificação das mesmas pelos atletas (MARQUES, 1989; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005; DE ROSE Jr., 2006).

No basquetebol, os jogadores também são classificados por números pelas posições em que atuam: 1 é o armador; 2 o escolta; 3 o Lateral ou ala; 4 o ala-pivô e 5 o pivô.

O contra-ataque é uma ação de velocidade que oportuniza a criação de situações de superioridade numérica do ataque em relação à defesa com o intuito de executar um arremesso rápido e próximo da cesta (DE ROSE Jr., 2006; DE ROSE JR; TRICOLI, 2005).

Para De Rose Jr.

Um contra-ataque pode surgir a partir de uma bola roubada por um defensor e este se deslocar em velocidade em direção à cesta do adversário ou de situações de laterais e fundo-bola. Mas a situação de contra-ataque mais comum é o rebote de

defesa, na qual há um mínimo de organização para que o ataque seja finalizado de forma eficiente, antes do posicionamento da defesa (DE ROSE JR., 2006, p.125).

O técnico deve ter em mente que os arremessos, por vezes, não são convertidos e que a organização para o rebote ofensivo é fundamental. Igualmente, na maioria das vezes o rebote será pego pela defesa e o ataque deverá voltar imediatamente, de forma organizada para evitar um contra-ataque.

Vale destacar a importância da compreensão, pelos jogadores, dos princípios táticos ofensivos e defensivos da modalidade propostos por Ferreira, Gallatti e Paes (2005). Esses princípios compreendem as atitudes de constante organização do ataque e das oportunidades de finalização, a criação de linhas de passe, as permanentes situações de passar e desmarcar-se, a conservação da posse da bola e a progressão ao alvo adversário com o intuito de executar um arremesso. Já na defesa, essas atitudes estão relacionadas à ação de se posicionar entre o atacante e a cesta, obstaculizar a troca de passes e executar arremessos, dificultar a progressão do adversário e recuperar a posse da bola (MORALES, 2007).

#### Para Morales

considerando a estrutura e dinâmica da tática ofensiva nos JEC e conseqüentemente no basquetebol, as capacidades táticas básicas reconhecer espaços, oferecer-se e orientar-se, propostas por Kröger e Roth (2002), confirmam o conceito de obtenção e conservação da posse de bola, de desequilíbrio da defesa adversária e de finalização recomendado por Bayer (1986). Essas capacidades táticas básicas também estão de acordo com os princípios sugeridos por Ferreira, Galatti e Paes. (2005), pois o tipo de ações que envolvem essas capacidades determina o sucesso do comportamento tático ofensivo do jogador-com ou sem posse da bola (MORALES, 2006,p.94).

É fundamental, o técnico de basquetebol, considerar o material humano disponível para criar um plano de jogo, de acordo com sua filosofia.

## ANEXO B

### ROTEIRO PARA AS ENTREVISTAS COM OS TÉCNICOS ESPECIALISTAS

- *Idade:*
- *Sexo:*
- *Formação acadêmica (incluindo pós-graduação). Onde cursou a graduação e a pós-graduação?  
Em qual local e ano?*
- *Atuação profissional:*
- *Por que se interessou pela prática de basquetebol?*
- *Qual a sua opinião a respeito da elaboração de blogs didáticos para o ensino de conteúdos como os sistemas táticos no basquetebol?*
- *O que deve conter um blog para servir como ferramenta no processo ensino-aprendizagem-treinamento dos sistemas táticos de basquetebol ?*
- *Seria interessante haver, na sua opinião, planejamentos e organizações dos conteúdos para o ensino do basquetebol nas escolas de esportes/clubes pelas Associações Regionais e Federações Estaduais?*